

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA**

VARLENE ROCHA BRANDÃO BANDEIRA

“NAVEGANDO” NA INTERNET:

**ESTUDO DE CULTURA INFORMACIONAL DE ALUNOS CONCLUINTES DO ENSINO
MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO EM GOIÂNIA**

**GOIÂNIA
2011**

VARLENE ROCHA BRANDÃO BANDEIRA

“NAVEGANDO” NA INTERNET:

ESTUDO DE CULTURA INFORMACIONAL DE ALUNOS CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO EM GOIÂNIA

Monografia apresentada ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia.

Orientador: Prof. Msc. Arnaldo Alves Ferreira Júnior.

**GOIÂNIA
2011**

VARLENE ROCHA BRANDÃO BANDEIRA

“NAVEGANDO” NA INTERNET:

ESTUDO DE CULTURA INFORMACIONAL DE ALUNOS CONCLUINTES DO ENSINO MÉDIO DA REDE ESTADUAL DE ENSINO EM GOIÂNIA

Monografia apresentada junto ao Curso de Biblioteconomia da Faculdade de Comunicação e Biblioteconomia da Universidade Federal de Goiás como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Biblioteconomia. Aprovada em ____/____/____ pela banca examinadora composta pelos professores:

Professor Msc.: Arnaldo Alves Ferreira Júnior - FACOMB/UFG
Orientador

Professora Dr^a: Eliany Alvarenga de Araújo - FACOMB/UFG
Convidada

DEDICATÓRIA

Aos meus familiares que, indiretamente, cobram a minha ausência.

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos ao meu orientador, o Prof.º Msc. Arnaldo Alves Ferreira Júnior, por sua dedicação e paciência na orientação deste trabalho.

A todos os alunos do ensino médio que contribuíram para a realização desta pesquisa e que sonham com uma vaga numa universidade pública, mesmo tendo que enfrentar uma concorrência desigual com seus colegas da rede particular. Isso estava escrito na camiseta deles de formando, que ostentava o nome do curso superior pretendido.

Agradeço aos meus colegas de sala de aula pelos quatro anos de convivência. Agradeço ainda ao meu amigo Vinícius, pelo companheirismo e pela saudade das nossas andanças.

E, por último, agradeço aos meus familiares pela ausência, apesar da presença física.

1 JOGO que É uma VERGONHA

07/02/97

Imagina um jogo deste jeito: o campo é de pedra bem pontuda e acontece num dia muito frio.

Num time, os jogadores têm tênis e camisa de manga comprida e, no outro, os caras jogam descalços e só de calção.

O time que tem tênis e camisa ganha fácil, dá aquela goleada!

O outro fica a maior parte do tempo tomando cuidado pra não cortar os pés ou então esfregando o braço arrepiado de frio.

Times iguais

Pra mim, a diferença da vida entre nós, que temos escola e casa, e as crianças que não têm é um jogo assim. Quem não tem, perde sempre.

Não acho que todo mundo que tem as coisas é culpado por causa dos outros que não têm, mas isso não quer dizer que a gente não possa fazer nada.

Porque pode.

Porque, se a gente quiser jogar um jogo justo, pode exigir que os dois times sejam iguais, pra começar.

Casa e escola

Não acredito que as crianças de rua viveriam na rua se tivessem outro lugar melhor pra escolher.

Se a gente não exigir que todo mundo tenha casa e escola, vai sempre ficar jogando esse jogo besta.

Ganhando de dez a zero de um time tão fácil, mas tão fácil, que não vai mais ter o gosto da vitória, vai ter só vergonha.



RESUMO

Trata-se de estudo de cultura informacional de alunos concluintes do ensino médio da rede estadual de ensino em Goiânia, abordando a relação desses alunos com as novas tecnologias e também a relação deles com a informação nesse novo contexto social, com o intuito de verificar se isso contribui para os resultados insatisfatórios da rede pública divulgados pelo Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). O estudo foi desenvolvido em cinco escolas estaduais com turmas de terceiro ano do ensino médio. A pesquisa consiste em um estudo qualitativo, utilizando-se, para a coleta de dados, um questionário com questões distribuídas em três blocos. A motivação desta pesquisa centra-se no fato de que hoje a internet disponibiliza uma gama de informações aos alunos, que ainda dominam *softwares* complicadíssimos, mas não apresentam bom desempenho nos conteúdos escolares. Sendo assim, a partir de um breve perfil socioeconômico desses alunos, procurou-se saber desde a relação deles com as novas tecnologias até a opinião, também deles, sobre as possíveis causas desses resultados ruins ostentados pelo ensino público no exame em questão. Constatou-se que o computador está presente nas residências desses alunos, independentemente de condições financeiras desfavoráveis, e que a excessiva “navegação” na internet interfere, sim, na qualidade dos estudos, necessitando assim de um trabalho pedagógico alicerçado na mídia-educação e na biblioteconomia escolar.

Palavras-chave: Novas tecnologias. Internet. Escola e novas tecnologias. Informação e novas tecnologias.

ABSTRACT

It is the study of informational culture of high school students graduating from state schools in Goiânia, addressing the relationship of these students with new technologies and also their relationship with the information on this new social context, in order to verify that this contributes to the unsatisfactory results of the public released by the National Examination Secondary Education (ENEM). The study was conducted in five state schools with classes of the third year of high school. The research is a qualitative study, using, for data collection, a questionnaire distributed in three blocks. The motivation of this research focuses on the fact that today the Internet provides a wealth of information to students, who still dominate extremely complicated software, but do not perform well in school content. Thus, from a brief socioeconomic profile of these students, we tried to learn from their relationship with new technologies to view them also on the possible causes of poor results paraded for public education in the examination in question. It was found that the computer is present in the homes of these students, regardless of adverse financial conditions, and that excessive "navigation" on the internet interfere, yes, the quality of studies and need a job teaching grounded in media education and school library.

Keywords: New technologies. The Internet. School and new technologies. Information and new technologies.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01	Presença das novas tecnologias no cotidiano do aluno	34
Gráfico 02	A relação do aluno com a atualização constante das novas tecnologias.....	36
Gráfico 03	Acesso à internet	37
Gráfico 04	Tempo de conexão à internet	39
Gráfico 05	Locais onde mais acessam a internet	40
Gráfico 06	Conteúdos acessados na internet	41
Gráfico 07	Suporte de informação preferido pelos alunos	44
Gráfico 08	O uso da internet para estudo dos conteúdos escolares	46
Gráfico 09	O tempo gasto na internet atrapalha estudar os conteúdos escolares?	48
Gráfico 10	Pesquisa de conteúdos escolares na internet	50

LISTA DE SIGLAS

MEC – Ministério da Educação

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

SUMÁRIO

RESUMO	6
ABSTRACT	7
LISTA DE GRÁFICOS	8
LISTA DE SIGLAS	9
1. INTRODUÇÃO	12
2. REVISÃO DE LITERATURA	15
2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA.....	16
2.2 A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA.....	18
2.3 AS NOVAS TECNOLOGIAS NO ESPAÇO EDUCACIONAL	22
3 METODOLOGIA	26
3.1 PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS SOCIAIS	26
3.2 TIPO DE PESQUISA	27
3.3 CAMPO DE PESQUISA	27
3.3.1 Colégio Estadual Assis Chateaubriand	28
3.3.2 Colégio Estadual Professor Pedro Gomes	28
3.3.3 Colégio Estadual Aécio de Oliveira Andrade	28
3.3.4 Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte	28
3.3.5 Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart	29
3.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA	29
3.5 3.5 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS	29
4. RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1 O PERFIL DOS ALUNOS PESQUISADOS	31
4.2 A RELAÇÃO DO ALUNO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS	33
4.3 A RELAÇÃO DO ALUNO COM A INFORMAÇÃO NA ERA DAS NOVAS TECNOLOGIAS	43
4.4 A OPINIÃO DO ALUNO SOBRE O BAIXO RENDIMENTO DA REDE PÚBLICA NO ENEM	52
4.4.1 Falta de interesse dos alunos	52
4.4.2 Falta de acesso a livros na biblioteca	52

4.4.3	Precariedade das escolas públicas	53
4.4.4	“Navegação” na internet	54
4.4.5	Trabalho pedagógico do professor	54
4.4.6	Condições financeiras dos alunos	55
5.	CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
	REFERÊNCIAS	58
	ANEXO: QUESTIONÁRIO	60

1 INTRODUÇÃO

Desde que o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) foi criado pelo MEC há dez anos, as escolas públicas, na sua maioria, têm amalgado os piores resultados e a comparação com as escolas particulares também tem sido inevitável. Isso nunca foi novidade, uma vez que as pesquisas em educação sempre divulgaram essa péssima qualidade do ensino público brasileiro, cuja expansão se deu fundamentado nos manuais didáticos, sem uma visão da totalidade, portanto sem compreensão da realidade.

Se houve um avanço significativo nas matrículas de alunos oriundos das camadas populares, o mesmo não aconteceu com a permanência desses alunos, visto ainda serem altas as taxas de reprovação e evasão nas escolas públicas de todo o país. Também o acesso à escola tem acompanhado o perfil da distribuição da renda e da desigualdade social brasileira.

É com base nessas considerações que se busca nesta pesquisa explicações para o rendimento insatisfatório desses alunos que convivem hoje com as novas tecnologias, especialmente nas *lan houses*, mas que não conseguem dominar linguagens, compreender e interpretar fenômenos, solucionar problemas, construir argumentação e elaborar propostas, que são habilidades exigidas no exame em questão.

Como se sabe, a internet, num curto período de tempo, configurou-se como um potente meio de comunicação de massas de difícil controle e tornou-se uma tecnologia imprescindível que oportuniza ao usuário uma nova experiência, visto que elimina as distâncias, apaga as fronteiras arbitrárias entre disciplinas e facilita a aprendizagem coletiva. Desse modo, esta pesquisa visa verificar em que medida a apropriação de ferramentas tecnológicas por parte de alunos do ensino médio de escolas estaduais de Goiânia pode influenciar na internalização de situações de precariedade e subcidadania na formação educacional desses indivíduos. Isso porque o senso comum da vida cotidiana propaga a falsa igualdade de condições ligada apenas à vontade de crescer por parte do indivíduo.

Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo principal conhecer a cultura informacional de alunos da rede estadual de ensino de Goiânia-GO, cujas escolas apresentaram rendimento insatisfatório no ENEM 2010. E como específicos visa conhecer a finalidade do uso das novas tecnologias pelos alunos do ensino médio; verificar quais os principais conteúdos informacionais

que esses alunos acessam na Internet; e verificar se esses conteúdos informacionais acessados influenciam nos resultados negativos conferidos pelo ENEM.

A motivação desta pesquisa centra-se numa questão que aflige não só educadores, mas também outros segmentos profissionais ligados à educação: se hoje a internet disponibiliza uma gama de informações aos usuários, como esses alunos, que dominam *softwares* complicadíssimos, apresentam desempenho insatisfatório nos conteúdos escolares?

Se a penetrabilidade é uma das características mais marcantes das novas tecnologias, o que esperar então dessa escola que se mantém firme na sua forma tradicional de ensinar, esquecendo-se que hoje é possível transmitir qualquer tipo de informação (escrita, falada, por imagem, digital) para qualquer lugar do mundo em fração de segundos. É notório também que os meios de comunicação e as tecnologias em geral influenciam os alunos na forma de se relacionarem com o conhecimento, modificando até mesmo a maneira como eles lêem e estudam. Mas será que alunos de escolas públicas, como as escolas pesquisadas, mesmo vivendo nesse contexto permeado pelas novas tecnologias, serão beneficiados igualmente como os alunos de escolas particulares?

Para tanto, tornam-se importantes as contribuições teóricas publicadas por Jessé Souza que, baseado em Pierre Bourdieu, mostra como o conceito de *habitus* é capaz de explicar, a partir de comparações, como os alunos tendem a reproduzir as experiências vividas no seu contexto social. Sendo assim, os comportamentos, as escolhas ou aspirações do indivíduo não são oriundas de planejamentos, mas são frutos da relação entre um *habitus* e os estímulos que este indivíduo recebe do seu meio social. Nesse sentido, desmascara-se a ideologia da igualdade de oportunidades propagada através do processo de dominação simbólica exercida pelas classes dominantes.

Esta pesquisa trará contribuições não só para a área educacional como para a Biblioteconomia, visto que ambas poderão refletir sobre a sua respectiva atuação junto a uma nova sociedade que convive com uma imensa proliferação de informações, que mudaram os padrões da vida cotidiana, reestruturando poderosamente os modos de lidar com o conhecimento.

Para uma melhor compreensão do assunto, este estudo apresenta-se dividido em quatro partes, sendo a primeira composta pela introdução. Na segunda parte, há uma revisão de literatura que traz considerações sobre a escola pública contemporânea; a formação do indivíduo e a construção da cidadania; e as novas tecnologias no espaço educacional. Já a terceira consta da

metodologia, alguns apontamentos sobre pesquisa qualitativa em Ciências Sociais, o tipo e o campo de pesquisa, caracterização da amostra e procedimentos da coleta de dados. A quarta e última parte, por sua vez, traz resultados e discussões com o perfil dos alunos pesquisados; a relação do aluno com as novas tecnologias; a relação do aluno com a informação na era das novas tecnologias; a opinião do aluno sobre o baixo rendimento da rede pública no ENEM.

2 REVISÃO DE LITERATURA

A escola pública, cujos alunos serão sujeitos desta pesquisa, teve sua qualidade exposta e questionada com a realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), que trouxe à tona o desempenho de cada unidade do país. Os resultados do exame também corroboram como a falta de investimento do governo vem deixando as escolas públicas em situação desconfortável se comparadas à rede particular de ensino. É evidente que há boas escolas públicas no país como os institutos federais de educação e as escolas militares, por exemplo. Mas no geral, escolas situadas em regiões periféricas, com péssimas estruturas físicas, salas lotadas e com profissionais mal remunerados têm ocupado os últimos lugares no exame.

As medidas tomadas pelo governo para a melhoria dessa escola pública geralmente estão no patamar do que Charles Taylor denominou de *quick fix*, ou seja, são medidas centradas em soluções rápidas e superficiais que têm por base “o controle instrumental e a elaboração de padrões preexistentes e heterônomos” (SOUZA, 2003, p. 37). Desse modo, segundo Romanelli (2001, p. 69), o Estado:

Sempre tentou, não obstante, enfrentar e resolver os problemas educacionais tidos como “graves”, fazendo-o naturalmente segundo forma de intervenção ditada pela escassez crônica de recursos materiais e humanos. Isso explica por que acabou dando preeminência às soluções educacionais vindas do passado, tão inconsistentes diante do novo estilo de vida e das opções republicanas, e por que simplificou demais a sua contribuição construtiva, orientando-se no sentido de multiplicar escolas invariavelmente obsoletas, em sua estrutura e organização, e marcadamente rígidas em sua capacidade de atender às solicitações educacionais das comunidades humanas brasileiras.

Nesse sentido, para a compreensão da cultura informacional dos alunos das escolas pesquisadas, torna-se importante buscar subsídios em autores que têm publicações na área da gênese da escola pública contemporânea, na formação do indivíduo com vistas na construção da cidadania e também na educação desses indivíduos já inseridos no contexto atual permeado pelas novas tecnologias.

2.1 CONSIDERAÇÕES SOBRE A ESCOLA PÚBLICA BRASILEIRA

A escola pública contemporânea nasceu, dentre outros objetivos, da incorporação maciça das mulheres e também da não mais utilização de crianças no mercado de trabalho que despontava nas fábricas.

(...) ao produzir o desemprego infantil, o desenvolvimento tecnológico havia determinado a criação de uma imensa necessidade social. Ou seja, ao deixar de disputar parte do tempo disponível da criança, outrora reivindicado como tempo de trabalho e, nessa condição, uma fração de tempo que lhe pertencia, o capital possibilitou a extensão máxima daquele tempo disponível (ALVES, 2004, p.149).

Desse modo, as crianças ociosas e já vivendo em centros urbanos constituíam-se como um problema para a sociedade burguesa, visto que os seus genitores estavam envolvidos com o trabalho das fábricas, bem diferente da produção artesanal que antes desenvolviam em casa. Então era necessário criar meios adequados para suprir o tempo livre dessa criança que já não contava mais com a segurança e a proteção da mãe. Com isso, a escola, antes voltada apenas para os filhos da burguesia, passa a receber a ex-criança de fábrica que se transforma na criança de escola.

Entretanto, a sua expansão não se deu somente por causa da sua função de reprodução da ideologia burguesa como no passado, mas por outras funções sociais que ela é forçada a desempenhar. Essas novas funções sociais da escola emergiram com força incontável e contribuíram, também, para relegar a finalidade maior da instituição a um segundo plano. Não há ainda como ignorar que a escola vem se transformando em importante local de lazer e convivência social para crianças e jovens. Isso ocorre na medida em que o espaço escolar tornou-se o único local reservado para eles na sociedade (ALVES, 2004).

Essa refuncionalização da escola se solidificou no último terço do século XIX e, a partir de 1870, em todos os países mais avançados, foram sendo constituídos os sistemas nacionais de educação, bem como a universalização dos serviços escolares. “Foi nesse instante que ganhou novo vigor a proposta burguesa clássica de escola pública, universal, laica, obrigatória e gratuita, só que segundo uma formulação que lhe foi dada pelo escolanovismo¹” (ALVES, 2004, p.151).

¹ O Escolanovismo foi um movimento inspirado nas ideias político-filosóficas de igualdade entre os homens e do direito de todos à educação. Ganhou impulso na década de 1930 defendendo a universalização da escola pública, laica e gratuita.

As famílias componentes do então proletariado viu nessa nova escola um lugar para o cuidado dos filhos, visto que, muito empobrecidas, não podiam pagar diretamente pelos serviços prestados pela instituição escolar. Assim surgiu a necessidade não só da publicização, como também da gratuidade dos seus serviços.

A escola burguesa produzida, pois, no final do século XIX, ao se estender também aos filhos da classe trabalhadora, logo se mostrou uma escola dualista, ou seja, havia “dois tipos de escolas, que refletiam e reforçavam, ao mesmo tempo, a estratificação social: uma para os filhos dos trabalhadores, de caráter profissionalizante, e, outra, para os filhos dos dirigentes da sociedade, fundada nas artes liberais e nas ciências modernas” (ALVES, 2004, p. 152).

Sendo assim, a escola, no plano conceitual, torna-se *escola única* “no sentido de exprimir as características que passavam a singularizar a nova forma em face do modelo escolar dualista do passado” (ALVES, 2004, p. 167). A escola nova burguesa tornou-se *escola única*, “mas não deixou de ser outra coisa senão o ramo sobrevivente da escola burguesa dualista, cujo atendimento privilegiara, no passado, os filhos das classes dirigentes” (ALVES, 2004, p. 168).

Desse modo, com a expansão do ensino fundamentado nos manuais didáticos, sem uma visão da totalidade que impede a “possibilidade de formação do cidadão, que pauta a compreensão de seus direitos, de seus deveres, de seu fazer e de si mesmo pela compreensão da sociedade” (ALVES, 2004, p. 182). Isso foi tão generalizado que se tornou traço distintivo da escola pública que temos até hoje.

Contudo, é possível vislumbrar, mesmo que um pouco distante, uma nova atuação da escola pública a partir, principalmente, de duas forças complementares: necessidade de uma organização do trabalho didático compatível com as necessidades e os recursos contemporâneos; e posturas políticas de forças sociais contra essa escola que insiste em práticas arraigadas que dificultam a sua inserção no novo tempo.

Finalizando, a escola pública contemporânea, em meio a tantas outras funções sociais que lhes foram impostas, e ainda mantendo um ensino difundido no século XVII por Comenius, continua priorizando manuais, hoje denominados de livros didáticos. Estes veiculam um conhecimento aquém das rápidas transformações sociais, cujo homem, convivendo com os mais diferentes recursos informacionais, desde o livro impresso até os meios de comunicação de massa e a informática, tem acesso imediato ao conhecimento produzido nos centros de pesquisa

científica mais avançados do mundo e consulta a bibliotecas e arquivos das mais importantes instituições culturais do mundo.

2.2 A FORMAÇÃO DO INDIVÍDUO E A CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

A escola pública brasileira, ainda no século XIX, acolheu os filhos de uma população de despossuídos que se formou, segundo Souza (2003), como uma “ralé” que cresceu e vagou ao longo desses séculos de vida brasileira. Essa população é constituída por homens dispensáveis do trabalho produtivo e, portanto, desvinculados dos processos essenciais à sociedade.

As principais características desta “ralé” são seres humanos a rigor dispensáveis, na medida em que não exercem papéis fundamentais para as funções produtivas essenciais e que não conseguem sobreviver nos interstícios e nas ocupações como o do escravo, também espalhou-se por todo o território nacional e representava, em meados do século XIX, cerca de 2/3 da população nacional (*Ibidem*, p. 123; grifo do autor).

Essa população era constituída, na sua maioria, por negros e mulatos que, na transição da ordem escravocrata para a competitiva, viveram a pior condição existente. Nessa situação, também se encontravam os estratos despossuídos e os dependentes em geral e de qualquer cor. Com a desagregação da ordem servil e senhorial, os recém-libertos ficaram à revelia da sua própria sorte, pois Estado, Igreja e outras instituições não se interessaram pelo destino do liberto que, despreparadamente, passou a ser responsável por si e seus familiares (SOUZA, 2003).

Vivendo, pois, nos espaços urbanos e numa sociedade competitiva, o liberto fugia do trabalho degradante do passado, mas não apresentava pressupostos sociais e psicossociais importantes para ascensão nessa nova ordem. Sendo assim, restava-lhe a marginalidade social e a pobreza econômica.

Essa sociedade ora emergente, denominada de “nova periferia”, passa a conviver com a ausência da ação efetiva de um código moral com algum grau de institucionalização (*Ibidem*). Sendo assim, o código implícito nesses contextos sociais é o da relação de favor/proteção com traços muito peculiares. Isto porque o *personalismo*² não ficou circunscrito às relações diretas

² Segundo Holanda (2004, p. 32), Personalismo é “[...] a importância particular que atribuem ao valor próprio da pessoa humana, à autonomia de cada um dos homens em relação aos seus semelhantes no tempo e no espaço”.

entre senhor e o escravo, mas também lançou sua sombra para todas as outras relações sociais (*Ibidem*).

Na então sociedade nascente, na visão de Gilberto Freire, e citada por Jessé Souza,

são as antigas posições polares que perdem peso relativo, e esses indivíduos, quase sempre mestiços, sem outra fonte de riqueza que não a sua habilidade e disposição de aprender os novos ofícios europeus, passaram a formar o elemento mais tipicamente burguês daquela sociedade em mudança: o elemento médio, sob a forma de uma meia-raça (*Ibidem*, p. 142).

Ainda explicitando o conceito de “nova periferia”, Souza (2003) argumenta que, a partir de 1808, temos no Brasil um exemplo típico do que vem chamando de processo modernizador da “nova periferia”. Esta, segundo o autor, é composta por sociedades formadas, *pelo menos enquanto sociedades complexas*, precisamente pelo influxo do crescimento e não pela mera expansão do capitalismo industrial europeu, que transferiu suas práticas institucionais impessoais como “artefatos prontos” (Grifos do autor).

Sendo assim, no processo de modernização periférica e na formação dessa “ralé” estrutural, não foi o Estado autoritário e modernizador, consolidado a partir de 1930, quem iniciou o processo de modernização brasileiro, mas foi ele quem o colocou efetivamente em outro nível. A partir dele, o processo de modernização brasileiro passa a ser comandado não mais pela urbanização e pela expansão do comércio, como no século XIX, mas, agora, pela industrialização (SOUZA, 2003).

Nesse contexto, a indústria ganha importância e passa a ser o principal fator dinâmico do crescimento econômico, especialmente as indústrias de base como siderurgia e petróleo, fortalecendo a construção da infraestrutura para um crescimento capitalista. No plano político, a pequena base participativa existente se alarga e passa a incluir os trabalhadores urbanos, um dos maiores beneficiários desse novo modelo de desenvolvimento. No plano econômico, esse novo modelo de desenvolvimento, que se estende até os anos 80, assegurou taxas contínuas de crescimento econômico capazes de elevar o Brasil, um dos países mais atrasados do mundo em 1930, na oitava economia do mundo. Ainda no plano político, mesmo com período significativo sob regimes ditatoriais, houve expressivo crescimento na autonomia dos trabalhadores com a criação do partido dos trabalhadores em 1980. Esse período promove, pois, “a formação de um

padrão especificamente periférico de cidadania e subcidadania”, instaurando um novo padrão de institucionalização (SOUZA, 2003, p. 153).

Ainda segundo Souza (2009), nessa visão distorcida do mundo, o marginalizado social é percebido como se fosse alguém com as mesmas capacidades e disposições de comportamento do indivíduo da classe média. Isso faz com que o miserável e sua miséria sejam sempre percebidos como contingentes e fortuitos, um mero acaso do destino, sendo a sua situação de absoluta privação facilmente reversível. Desse modo, o problema pode ser resolvido com uma ajuda passageira e tópica do Estado, como o Programa Bolsa Família, por exemplo, para que o indivíduo possa “andar com as próprias pernas” (Grifos do autor).

Segundo Charles Taylor (*apud* SOUZA, 2003), essa visão distorcida do mundo é sustentada por uma tendência moderna de se praticar filosofia denominada de *Naturalismo*. Este desvincula a ação e a experiência humana da moldura contextual que lhe confere realidade e compreensibilidade, fazendo com que se busque a compreensão de um fato sem se pensar na realidade que o produziu. Ainda segundo Charles Taylor, existe uma relação interna entre o *atomismo*, que vê o indivíduo como a fonte de todo sentido, e o *naturalismo*. Este se mostra não só na dimensão da vida cotidiana, quando as pessoas se mostram incapazes de articular os próprios valores que orientam suas escolhas existenciais e políticas, como também no âmbito científico em teorias que podem ser menos ou mais sofisticadas também.

As fontes morais ou os “bens constitutivos” de uma cultura precisam ser articulados para que o indivíduo, no que Taylor denominou de *topografia moral*, tenha condições de discernir, num ato de avaliação, “o que é certo ou errado, melhor ou pior, superior ou inferior, a partir de parâmetros que se impõem independentemente do nosso desejo e vontade” (SOUZA, 2003, p. 28).

Desse modo, segundo a genealogia tayloriana, “a nossa identidade é formada pelas identificações e escolhas providas por este pano de fundo valorativo seja por afinidade, seja por oposição a elas” (*Ibidem*, p. 28). Sendo assim, o sentido que damos para as nossas vidas baseia-se nas avaliações fortes que formam a referência última da condução da vida do sujeito moderno. O compartilhamento de ações, fruto de “redes de interlocução” (*webs of interlocution*), contribui para a formação da nossa identidade.

Souza (2003, p.35), ainda baseado em Taylor, menciona que a nossa identidade é em parte formada pelo reconhecimento ou pela ausência deste, visto que, “[...] nos casos de falso

reconhecimento por parte dos outros, uma pessoa ou um grupo de pessoas pode sofrer um prejuízo real, uma distorção efetiva, na medida em que os outros projetem nele uma imagem desvalorizada e redutora de si mesmo”.

Ainda no intuito de compreender a dinâmica de sociedades periféricas como a brasileira, Jessé Souza baseia-se na sociologia de Pierre Bourdieu, que aponta o “desmascaramento sistemático da ‘ideologia da igualdade de oportunidades’ enquanto pedra angular do processo de dominação simbólica típico das sociedades avançadas do capitalismo tardio” (SOUZA, 2003, p. 42, grifos do autor). Sendo assim, Souza (2003) afirma que o termo mais importante e que marca boa parte da originalidade do pensamento bourdiesiano é a noção de *habitus*. “O conceito de *habitus* situa-se como a instância de mediação entre os fatores condicionantes da vida social e as subjetividades concernentes aos indivíduos” (*apud* FERREIRA JÚNIOR, 2010, p. 31).

A compreensão desse conceito, segundo Ferreira Júnior (2010), auxilia-nos no entendimento das relações existentes entre os condicionantes sociais que subsidiam os comportamentos dos agentes sociais, orientando, pois, práticas individuais e coletivas. Ele busca assim “a conciliação entre as subjetividades dos indivíduos e o mundo objetivo das realidades simbólicas” (*Ibidem*, p. 31).

Nesse sentido, o *habitus* seria um sistema de estruturas cognitivas e motivadoras enraizadas que atuam no indivíduo desde a infância, “pré-moldando possibilidades e impossibilidades, oportunidades e proibições, liberdades e limites de acordo com as condições objetivas” (SOUZA, 2003, p. 43).

Entretanto, apesar de o *habitus* explicar o comportamento dos agentes sociais como uma forma de ajustamento ao meio social, ele não deve ser compreendido como algo estanque e rígido, visto que cada sujeito apresenta um modo peculiar de interagir com a realidade social, fazendo com que a sua história seja marcada pela singularidade.

2.3 AS NOVAS TECNOLOGIAS NO ESPAÇO EDUCACIONAL

Na atualidade, a informática tornou-se um recurso fundamental disponibilizado na sociedade, levando-nos a um “imperativo tecnológico”, segundo o qual a sociedade e o mercado de trabalho devem se submeter a cada nova exigência da tecnologia, sem avaliar a real necessidade de sua utilização e as consequências dela decorrentes.

Uma característica deste novo momento histórico, em que a tecnologia ganha evidência, centra-se na lógica das redes, para as quais as NTs convergem, permitindo que as sociedades desenvolvam, em tempo real, uma integração permanentemente mediada pelas redes telemáticas. Nesse contexto informacional, as relações com o conhecimento adquirem nova dimensão já que o sujeito cognitivo é construído em ambientes que incorporam novas relações com os objetos do conhecimento (COSTA, 2004).

Sendo assim, no campo educacional, é preciso bom senso, reflexão e discernimento no que se refere ao uso das novas tecnologias, principalmente quando se relaciona a tecnologia ao processo ensino-aprendizagem. É preciso ainda proceder um balanço crítico da produção na área, buscando apontar sinalizações, novos caminhos e possibilidades para o seu emprego na educação.

A educação, nesse contexto de mudanças constantes experimentadas em nosso tempo, revela uma incapacidade de pensar a complexidade dessas transformações dentro do paradigma totalizante da modernidade, calcado na ciência da incerteza (SILVA, 2008). A escola contemporânea da forma como está estruturada não acompanha a velocidade das mudanças sociais. Sendo assim, o autor indaga: “Como a velocidade das mudanças pode ser acompanhada pela ‘antiga instituição normativa do saber’? Quais as ferramentas disponíveis para o educador? Como utilizá-las? Qual o método? O saber normativo é possível com o saber virtual? Qual o ‘papel’ da educação na sociedade da informação descentralizada?” (SILVA, 2008, p. 8; grifo do autor).

Entretanto, a sociedade tem exigido uma revitalização do campo educacional mostrando a necessidade de se incorporar o mundo da vida à escola, desvendando, inclusive, as formas de aprendizagem não inerentes ao espaço legitimado pela sociedade para conduzir o ensino (BRETAS, 2004). A forma mediática de aprender, dentre outras, coloca em xeque os processos tradicionais de aprender gerados ao longo dos tempos na instituição escolar.

Segundo a autora, a reflexão sobre uma dessas instâncias de aprendizagem fora do sistema de ensino: o espaço telemático³, com foco na internet, dirige-se às possibilidades formadoras desses novos aparatos comunicativos, destacando processos de busca de informação e práticas relacionais proporcionadas pelos meios de base digital em rede. Ela acentua que a extrema contemporaneidade de tais processos e práticas ecoa como impedimentos a descrições e análises que possibilitem uma melhor compreensão da realidade. Contudo, entende que a tarefa deve ser envidada em prol da inclusão social e da construção de uma sociedade mais fraterna, solidária, justa e igualitária (*Ibidem*, p. 82).

Na aprendizagem através dos processos mediáticos, a possibilidade de o receptor ser ativo adviria de sua interpretação dos produtos dos meios de comunicação com os quais ele interage. Os saberes dessa aprendizagem, para serem apropriados pela escola, necessitariam de comprovações e certificações que os autorizassem a fazer parte das grades curriculares. “Estes acompanhamentos não conseguem acompanhar o ritmo da vida, que se estampa nos vários suportes mediáticos, também proporcionadores de aprendizagem. A escola torna-se defasada em relação aos acontecimentos e às mudanças da sociedade [...]” (BRETAS, 2004, p. 82).

Portanto, nesse sentido, há um desafio muito grande para a educação e para a comunicação frente a essa perspectiva de novas formas de aprendizagem que se baseiam nas atuais maneiras de se estar com o outro e nos ambientes cognitivos. “A compreensão em profundidade sobre as novas maneiras de estar dos atores sociais viverem e conviverem através dos sistemas mediáticos pode contribuir efetivamente para uma maior adequação da escola à realidade” (*Ibidem*, p. 86).

Bretas (2004), baseada em Canclini, aponta cinco processos sintetizadores das mudanças socioculturais que estão ocorrendo em todas as esferas: as modificações das instituições e circuitos do exercício do público; as novas formas da distribuição e da sociabilidade nos espaços urbanos; as alterações nas ideias daquilo que é ‘próprio’ e daquilo que é estrangeiro; as mudanças na ideia de cidadania, que passam a vincular-se ao usufruto da qualidade de vida; a redefinição dos parâmetros que possibilitam o sentido de pertencimento e de identidade, proporcionada por novas formas de acesso aos bens de consumo, nas quais a participação em comunidades locais ou nacionais amplia-se para uma participação mais extensa.

³ “O espaço telemático abrange a comunicação, a manipulação e a utilização da informação mediadas pelo computador, agregando as telecomunicações à informática” (p. 82).

A partir então dessas considerações, a autora questiona os limites entre a realidade concreta e a realidade simbólica e indaga quais seriam as suas fronteiras. Isto porque no ciberespaço a sociabilidade, ou o estar no mundo com o outro, determina, na opinião de muitas pessoas, contatos carentes de materialidade corpórea vivenciada nos contatos face a face. Portanto, ela ainda indaga se esta nova sociabilidade seria menos real.

Mas não é só a ausência dos marcos de fronteira que marca o mundo contemporâneo. Hoje se vive uma transformação acelerada de sua percepção de tempo, ou seja, vive-se a época do presente, da velocidade, da quebra de recordes, de diminuir o espaço e subordiná-lo ao tempo. A nossa época é a da informação, da imagem, do satélite, da fibra ótica, do cartão magnético, da virtualidade e da Internet. Nesse sentido, surge a necessidade de se enfrentar esses novos elementos que dilatam nossa época e acabam impondo uma “nova percepção do mundo: do espaço, da linguagem, da ética, da responsabilidade, dos valores e do conhecimento. Só a partir disso, pode-se pensar a crise da educação contemporânea” (SILVA, 2008, p. 23).

Também as nossas formas de interação e comunicação com o mundo não nos impõem a necessidade do movimento espacial. Não é preciso se deslocar para sermos informados, ao contrário, nossos deslocamentos ocorrem sem sairmos do lugar, como é o caso da Internet (SILVA, 2008). E isso não se reduz apenas ao campo da informática e dos vídeos telescópicos, mas também a outros aparelhos do cotidiano como, por exemplo, a esteira ergométrica para caminhadas e corridas. Segundo Virílio (apud SILVA, 2008, p. 24), “conhecer nosso mundo é ver que nossa sociedade não é mais vivida de dentro, mas sobrevoada como se fosse um espetáculo”. Sendo assim, as consequências dessas novas formas de experiência espaço-temporal são que elas substituem nossos deslocamentos e prolongam nossa inércia.

Mesmo no espaço doméstico, ocorre uma crescente diminuição dos espaços coletivos destinados para toda a família e ainda recebemos menos visitantes em casa. Essas novas formas de organização da vida familiar e social revelam a “atomização” do indivíduo e também novas formas interativas de relacionamento (*Ibidem*).

Cada vez mais, tornamo-nos sedentos de velocidade e, atendendo aos apelos das campanhas publicitárias, somos compelidos a equipar nossos computadores compulsivamente, movidos assim pelo *Tecnofetichismo*⁴. A máquina passa então a ser humanizada com interfaces cada vez mais interativas e amigáveis. Essa compulsão, estimulada pelo *marketing*, apresenta-nos

⁴ Termo cunhado por McLuan para explicar a obsessão que temos pelos novos produtos tecnológicos.

como extensões corpóreas e neurais para nós mesmos, sendo, para MacLuhan (*apud* SILVA, 2008, p. 26), “um padrão puramente psicológico de identificação narcísica com o poder de nossos brinquedos”.

A partir de todas essas considerações, o autor questiona: como pensar o conhecimento neste mundo virtualizado e hipercarregado de informações? Para ele, esse é um problema estrutural para a educação, visto que o conhecimento, como estamos acostumados, é “resultado de um tempo desacelerado, de uma elaboração metódica estranha à aceleração contínua” (SILVA, 2008, p. 27).

Diante, pois, dessas possibilidades de ampliação dos nossos sentidos, surge a necessidade de se repensar o estatuto do conhecimento. Ele hoje se manifesta sob aspectos até então inadmissíveis para nós. Segundo o autor, esse processo puxa a espécie humana para frente, sem a menor capacidade de dominá-lo. Nesse sentido, torna-se imprescindível a adaptação às novas condições. O autor ainda enfatiza que “é justamente esta capacidade de adaptação (ou reação) que se impõe à educação” (SILVA, 2008, p. 29).

E a escola como hoje está estruturada, ainda navegando em modelos redutores, não apresenta a menor capacidade para isso e está fora deste novo tempo. Sem um projeto bem definido, ela tem um programa: organizar o tempo (ou múltiplas temporalidades) e a complexidade de informações. O método de ensino não acompanha a velocidade das mudanças e novidades que surgem a cada momento. O aluno, por sua vez, perde o encantamento com o estudo formal e com a sala de aula. Não é por nada que a opinião corrente entre os alunos é de que as aulas deveriam ser alegres, descontraídas e criativas. Concorrer utilizando giz e lousa com a criatividade dos *media* é algo desestimulador.

A escola deve, portanto, compreender as novas formas de ensinar impostas pelas transformações evidenciadas em nosso tempo, reconhecendo que a expansão das vias do saber não obedece mais à lógica vetorial.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa partiu de uma situação corriqueira, mas ao mesmo tempo constrangedora, que é o rendimento insatisfatório de alunos de escolas públicas estaduais, na sua grande maioria, exposto pelo ENEM. Como o ato de pesquisar visa conhecer os meandros da realidade social, uma vez que esta “não é evidente, nem se dá à luz com facilidade, sendo muito diferente o que aparece à primeira vista” (DEMO, 2009, p. 16), essa situação um tanto incômoda nos instigou a conhecer a cultura de informação dos alunos do último ano do ensino médio de cinco dessas escolas.

Sendo assim, o que estaria contribuindo para a sedimentação desses resultados foi um bom motivo para o conhecimento dessa realidade para assim se pensar numa forma de intervenção. Minayo (2002) afirma que nada pode ser considerado intelectualmente um problema se não tiver sido, em primeira instância, um problema da vida prática. Portanto, esta pesquisa foi de caráter quali-qualitativo, mas prioritariamente de caráter qualitativo, visto que o seu objeto de investigação pertence ao campo das Ciências Sociais, cujos resultados são de difícil mensuração por serem marcados pela transitoriedade, pelo dinamismo e pela especificidade intrínsecos às questões sociais.

3.1 PESQUISA QUALITATIVA EM CIÊNCIAS SOCIAIS

A pesquisa qualitativa, derivada do positivismo, da fenomenologia, da hermenêutica, do marxismo, da teoria crítica e do construtivismo, facilita a investigação de temas transdisciplinares, principalmente nas ciências humanas e sociais (CHIZZOTI, 2003).

As metodologias qualitativas, diferentemente das quantitativas, fornecem uma visão bem mais profunda de certos fenômenos sociais, visto que conhecer a cultura informacional de um determinado grupo de indivíduos, por exemplo, requer, de certa forma, uma “maior relevância do aspecto subjetivo da ação social face à configuração das estruturas societais, seja a incapacidade da estatística de dar conta dos fenômenos complexos e dos fenômenos únicos.” (HAGUETTE, 2005, p. 63). É através de uma maior interação do pesquisador com os sujeitos envolvidos na pesquisa que os significados latentes vão se tornando perceptíveis e melhor explicados.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Apesar de o presente estudo estar fundamentado numa concepção metodológica de pesquisa qualitativa, optou-se por um questionário abrangendo três blocos de perguntas, com a seguinte denominação: *Conhecendo um pouco sobre você*; *Conhecendo a relação do aluno com as novas tecnologias*; *Conhecendo a relação do aluno com a informação na era das novas tecnologias*.

A opção pelo questionário foi em virtude de suas inúmeras vantagens que, segundo Baptista e Cunha (2007, p. 178), são: “método rápido em termos de tempo; baixo custo; permite-se atingir uma grande população dispersa; dá maior grau de liberdade e tempo ao respondente; [...] os dados mais detalhados podem ser obtidos com as questões abertas”.

No caso desta pesquisa, o questionário foi um método de coleta de informações que melhor se adequaria ao perfil dos pesquisados, visto que, por serem adolescentes, não demonstrariam muita disposição para responderem questões discursivas muito longas ou de um grupo focal, por exemplo. Assim foram aplicados, nas próprias salas de aula, com as turmas de terceiro ano do ensino médio de cinco escolas estaduais, totalizando 158 questionários e contabilizando um percentual de 100%.

3.3 CAMPO DE PESQUISA

Inicialmente a pesquisa seria feita apenas na região noroeste da capital, mas devido à baixa participação de duas das escolas no ENEM 2010 e à redistribuição dos alunos de uma terceira escola por motivo de demolição do prédio, foi realizada nas seguintes instituições escolares: Colégio Estadual Assis Chateaubriand, Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, Colégio Estadual Aécio de Oliveira Andrade, Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte e Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart.

Entretanto, todas as novas escolhidas estão com rendimentos semelhantes aos das escolas pensadas anteriormente, variando as notas entre 505,98 a 524,01, segundo dados coletados no sítio do MEC. Mediante, pois, essa situação de paridade, a escolha por tais instituições se deu pelo fácil acesso à pesquisadora.

3.3.1 Colégio Estadual Assis Chateaubriand

O Colégio Estadual Assis Chateaubriand, localizado na avenida Otávio Tavares de Moraes, no Setor Campinas, foi inaugurado em 17 de dezembro de 1969, possuindo 11 salas de aula, biblioteca precária em funcionamento e laboratório de informática com acesso à internet. No ano de 2010, foram 194 alunos matriculados no último ano do ensino médio, mas só 48 fizeram a prova do ENEM, atingindo um percentual de apenas 24%.

3.3.2 Colégio Estadual Professor Pedro Gomes

O Colégio Estadual Professor Pedro Gomes, localizado na rua Sergipe esquina com rua Benjamim Constant, no Setor Campinas, foi inaugurado em 29 de outubro de 1947. Possui 15 salas de aula, uma boa biblioteca e um laboratório de informática com acesso à internet, mas ambos, assim como todo o colégio, estão passando por reformas. No ano de 2010, foram 234 alunos matriculados no último ano do ensino médio, mas só 85 fizeram a prova do ENEM, atingindo um percentual de apenas 36%.

3.3.3 Colégio Estadual Aécio de Oliveira Andrade

O Colégio Estadual Aécio de Oliveira Andrade, localizado na rua do Prata esquina com rua Carijós, no Setor Urias Magalhães, foi fundado em 31 de março de 1980. Possui 18 salas de aula, biblioteca funcionando em situação precária e laboratório de informática com acesso à internet. No ano de 2010, foram 122 alunos matriculados no último ano do ensino médio, mas apenas 26 fizeram a prova do ENEM, atingindo um percentual de 21%.

3.3.4 Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte

O Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte, localizado na rua Genésio de Lima Brito, no Jardim Balneário Meia Ponte, foi inaugurado em 15 de março de 1986. Possui 10 salas de aula, biblioteca funcionando, inclusive com serviço de empréstimo domiciliar, e laboratório de

informática com acesso à internet. No ano de 2010, foram 178 alunos matriculados no último ano do ensino médio, mas só 59 fizeram a prova do ENEM, atingindo um percentual de apenas 33%.

3.3.5 Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart

O Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart, localizado na rua GB 4 esquina com rua GB 5, no Jardim Guanabara II, foi inaugurado em 30 de janeiro de 2004. Possui biblioteca com um bom acervo, mas estando em fase de revitalização, e um laboratório de informática com acesso à internet. No ano de 2010, foram 148 alunos matriculados no último ano do ensino médio, mas só 62 fizeram a prova do ENEM, atingindo um percentual de apenas 23%.

3.4 CARACTERIZAÇÃO DA AMOSTRA

Todas as escolas pesquisadas possuíam mais de uma turma de concluintes do ensino médio, mas o questionário só foi aplicado numa turma, com exceção para o Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart que teve duas turmas respondentes. Isso porque a segunda turma insistiu para participar da pesquisa, visto que o conteúdo da mesma tinha sido comentado por uma professora no dia anterior. Então o questionário foi aplicado numa amostra composta por 158 alunos, sendo: Colégio Estadual Assis Chateaubriand (11%), Colégio Estadual Professor Pedro Gomes (17%), Colégio Estadual Aécio de Oliveira Andrade (13%), Colégio Estadual Jardim Balneário Meia Ponte (31%) e Colégio Estadual Jornalista Luiz Gonzaga Contart (40%).

3.5 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

A aplicação do questionário foi realizada nos dias 14, 17, 18, 19 e 20 de outubro de 2011, no turno matutino, visto que o ensino médio nas escolas é ministrado prioritariamente nos turnos matutino e noturno, o que não é o caso desta pesquisa. Sua aplicação foi feita através de um questionário com 15 perguntas de múltipla escolha e apenas uma questão aberta, distribuídas em três blocos, que visavam ao conhecimento do perfil do aluno, sua relação com as novas

tecnologias e sua relação com a informação na era das novas tecnologias. Na única questão aberta, foi perguntado ao aluno, e segundo a opinião dele, duas das causas que levam ao baixo rendimento dos alunos da rede pública no ENEM.

Andrade (2001, p. 129) cita que: “Para Descarte, para quem verdade e evidência são a mesma coisa, pelo raciocínio torna-se possível chegar a conclusões verdadeiras, desde que o assunto seja pesquisado em partes, começando-se pelas proposições mais simples e evidentes até alcançar, por deduções lógicas, a conclusão final”.

Desse modo, aplicados os questionários aos alunos dessas instituições escolares, foram levantados dados suficientes para, juntamente com o referencial teórico, se alcançar respostas para as questões levantadas na pesquisa, que visa, sobretudo, conhecer a cultura de informação desses alunos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Só o ato de pesquisar pode desvendar os meandros da realidade social, visto que esta realidade pode ser muito diferente do que se imagina. E isto foi o que aconteceu em parte com esta pesquisa que mostrou, logo de início, que os alunos da rede pública não faltam às aulas para estarem presentes nas *lan houses*, como propagam muitos educadores. Eles hoje, mesmo ainda enfrentando uma realidade socioeconômica difícil, “navegam na internet” da sua própria residência, portanto, não estão “pulando os muros da escola”.

Segundo André (2004), um estudo do cotidiano escolar envolve, pelo menos, três dimensões principais que se interrelacionam: a institucional, o processo de interação de sala de aula e a história pessoal de cada sujeito. Isso possibilita “a compreensão das relações sociais expressas no cotidiano escolar, num enfoque dialético homem-sociedade nos diversos momentos [...], permite captar a direção do que acontece dentro da escola sem desvinculá-la da práxis social mais ampla” (*Ibidem*, p. 40).

Portanto, com o intuito de não desvincular o aluno do seu contexto social, esta pesquisa, através de três blocos de perguntas, buscou conhecer um pouco sobre ele; conhecer a relação dele com as novas tecnologias; e conhecer a sua relação com a informação na era das novas tecnologias.

4.1 O PERFIL DOS ALUNOS PESQUISADOS

Os resultados do primeiro bloco do questionário, cujo objetivo seria traçar um breve perfil dos alunos concluintes do ensino médio dos colégios estaduais Assis Chateaubriand, Professor Pedro Gomes, Aécio de Oliveira Andrade, Jardim Balneário Meia Ponte e Jornalista Luiz Gonzaga Contart, apontam que: 85,44% têm entre 16 e 18 anos e apenas 14,56% são maiores de 18 anos. Quanto ao sexo, 63,92% são do sexo feminino e 36,08% do sexo masculino. Os alunos que vivem com pai e mãe são 55,70%; 28,48 vivem só com a mãe; 3,16% vivem com o pai e 12,66% residem com outros parentes. Portanto, ainda prevalece o modelo de família tradicional entre os alunos, apesar de os números apontarem, em segundo lugar, a ocorrência de família matriarcal.

Ao perguntarmos se desenvolvem alguma atividade remunerada, 33,54% trabalham e 66,46% não trabalham. Dos que trabalham, 31,00% desempenham uma jornada de até 4 (quatro) horas, 41% até 6 (seis) horas, 15% até 8 (oito) e 13% trabalham mais de 8 (oito) horas diárias.

Isso acontece pelo fato de que, na realidade brasileira, em decorrência da condição de pobreza das famílias, o jovem precisa ingressar no mercado de trabalho muito cedo, não conseguindo, em muitos casos, superar as dificuldades dessa alternância trabalho-estudo. Geralmente esta é uma situação que perpetua nas famílias porque estas reproduzem normas, valores e representações que organizam e dão sentido à vida social dos filhos.

Na visão de Souza (2009), isso se dá pelo fato de que as classes negativamente privilegiadas não detêm os “capitais impessoais”, isto é, os capitais cultural e econômico. Souza (2009, p. 21) ainda afirma que: “O capital cultural, sob a forma de conhecimento técnico e escolar, é fundamental para a reprodução tanto do mercado quanto do Estado moderno”. Já na visão de Bourdieu (apud SOUZA, 2003, p. 44):

[...] o *habitus* tende a gerar toda uma série de comportamentos “razoáveis” e de “senso comum” que são possíveis dentro dos limites dessas regularidades. O *habitus* é o passado tornado presente, a história tornada corpo e, portanto, “naturalizada” e “esquecida” de sua própria gênese.

No tocante à escolaridade dos pais ou responsáveis, 32,28% têm ensino fundamental incompleto, 8,86% ensino fundamental completo, 13,92% ensino médio incompleto, 34,18% ensino médio completo, 2,53% ensino superior incompleto e 8,23% ensino superior completo. Num cruzamento de dados, verificou-se que boa parte dos alunos que trabalham é oriunda de pais com baixa escolaridade. Ainda com base nos resultados, mais da metade dos pais não têm a conclusão do ensino médio, contrariando assim as leis que asseguram a obrigatoriedade da educação básica a todos os brasileiros.

Estes resultados corroboram o fato de que a escola pública, num movimento de expansão do ensino, trouxe para o seu bojo alunos oriundos das camadas populares, sem, contudo, garantir-lhes a sua permanência, elevando os índices de reprovação e evasão no país. Algebaile (2010), num estudo sobre escola pública e pobreza no Brasil, afirma que isso foi uma ampliação para menos.

Em se tratando da educação brasileira, o fracasso no ensino público teve a sua origem ainda nos governos militares, mais precisamente na Lei 5692, de 1971, que, numa falsa

redemocratização, assegurou o acesso ao ensino público à maioria da população brasileira sem, contudo, prezar pela qualidade. Com isso apenas massificou o ensino (GERMANO, 2005, p.169).

Como não se pretendeu traçar um perfil mais completo dos pesquisados, o que demandaria outras exigências, tem-se então, na sua grande maioria, um grupo de jovens com idade até 18 anos, mais do sexo feminino, filhos de famílias com baixa escolaridade e que ainda vivem numa constituição de família tradicional. Também muitos deles, como num círculo vicioso, ainda têm que enfrentar uma jornada de trabalho de até oito horas, tendo o estudo e o lazer seriamente comprometidos.

4.2 A RELAÇÃO DO ALUNO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

As novas tecnologias na contemporaneidade, potencializando os avanços das técnicas de comunicação e impulsionando consideravelmente o *marketing*, contribuíram para que o indivíduo passasse a viver uma nova cultura, agora não mais restrita à sua localidade, mas num âmbito global. Desse modo, se desconhece, segundo Setton (2010, p. 13), “[...] a noção de cultura compreendida em seu sentido antropológico, como produto da atividade material e simbólica dos humanos [...]”. Isto porque a penetrabilidade é uma das características mais marcantes das novas tecnologias, constituindo-se, então, num assunto de interesse geral.

Nesse sentido, Castells (2000) afirma que, pelo predomínio da lógica de redes os efeitos das novas tecnologias têm alta penetrabilidade porque a informação é parte integrante de toda atividade humana, individual ou coletiva e, portanto, todas essas atividades tendem a ser afetadas diretamente pela nova tecnologia. Assim, os avanços da telemática e da microeletrônica levam-nos a experimentar facilidades inimagináveis em termos de bem-estar individual, lazer e acesso rápido, ilimitado e eficiente, ao universo do conhecimento humano.

Pensando, pois, nesses jovens que vivem num contexto social marcado pelo “imperialismo tecnológico”, é que se buscou conhecer a finalidade do uso das novas tecnologias pelos alunos sujeitos desta pesquisa. Perguntou-se então: qual das novas tecnologias, exceto o celular, o aluno mais utiliza; como a obsolescência das novas tecnologias o afeta; se tem fácil acesso à internet e quantas horas faz uso dela e de qual lugar ele mais acessa; e, por último, o que

ele mais acessa na internet. As respostas para tais questões apresentam-se sob a forma de gráficos para uma melhor compreensão dos resultados.

GRÁFICO 01: PRESENÇA DAS NOVAS TECNOLOGIAS NO COTIDIANO DO ALUNO.



FONTE: DADOS DA PESQUISA.

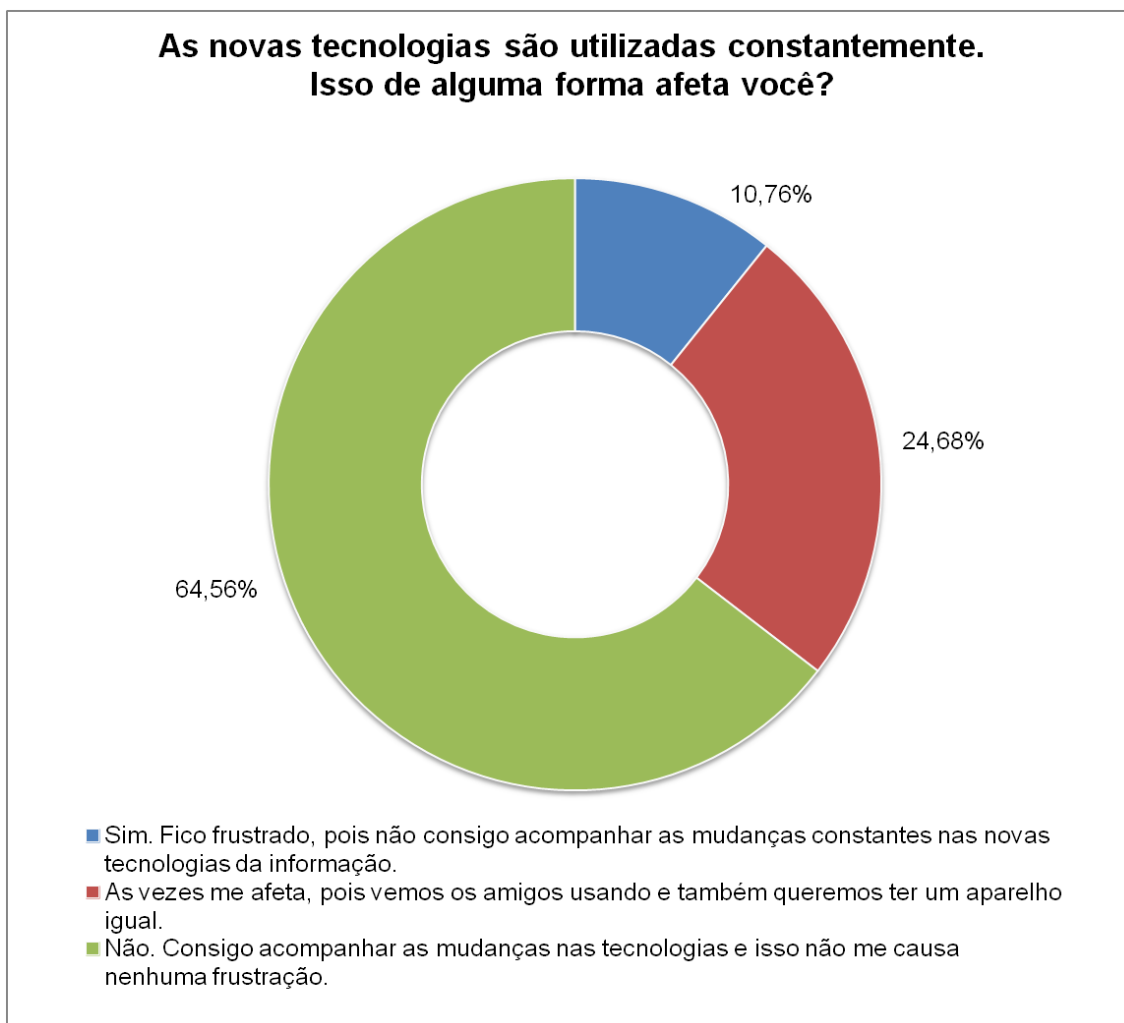
Pelo resultado apresentado no Gráfico 1, quando se perguntou qual das novas tecnologias, com exceção para o celular, os alunos mais utilizavam, estão o computador com 82,91%, o *notebook* com 16,46%, o *Ipod* com 0,63%, não havendo menção para *Palm top* e PSP's portáteis. Somando-se os dois tipos de computadores, o percentual contabilizado é de quase 100%. Isso não é um fenômeno novo, visto que a sua gênese está lá na invenção da máquina a vapor, passando pela eletricidade, telefone, televisão etc. Essas novas tecnologias vêm ocasionando profundas

transformações na sociedade, fortalecendo o modelo urbano e diminuindo as distâncias. Segundo Moran (1995, p. 26):

Os mecanismos intrínsecos de expansão do capitalismo apressam a difusão das tecnologias, que podem gerar ou veicular todas as formas de lucro. Por isso há interesse em ampliar o alcance da sua difusão, para poder atingir o maior número possível das pessoas economicamente produtivas, isto é, das que podem consumir. [...] O capitalismo visa essencialmente o lucro. Tanto as tecnologias -o hardware- como os serviços que elas propiciam -os programas de utilização- crescem pela organização empresarial que está por trás e que as torna viáveis numa economia de escala. Isto é, quanto maior a sua expansão no mercado mundial, mais baratas se tornam e, com isso, mais acessíveis.

A economia de alta escala fomenta o consumismo e a mercadorização, colocando o sujeito inerente à indústria que produz necessidades alheias e supérfluas. Sendo assim, os produtos tornam-se desatualizados rapidamente para que a indústria possa oferecer novas versões, com recursos ampliados, a consumidores compulsivos, alienados e com capacidades restritas de reflexão. Foi nesse sentido que perguntamos aos alunos pesquisados se as atualizações constantes nas novas tecnologias os afetavam.

GRÁFICO 02: A RELAÇÃO DO ALUNO COM A ATUALIZAÇÃO CONSTANTE DAS NOVAS TECNOLOGIAS.



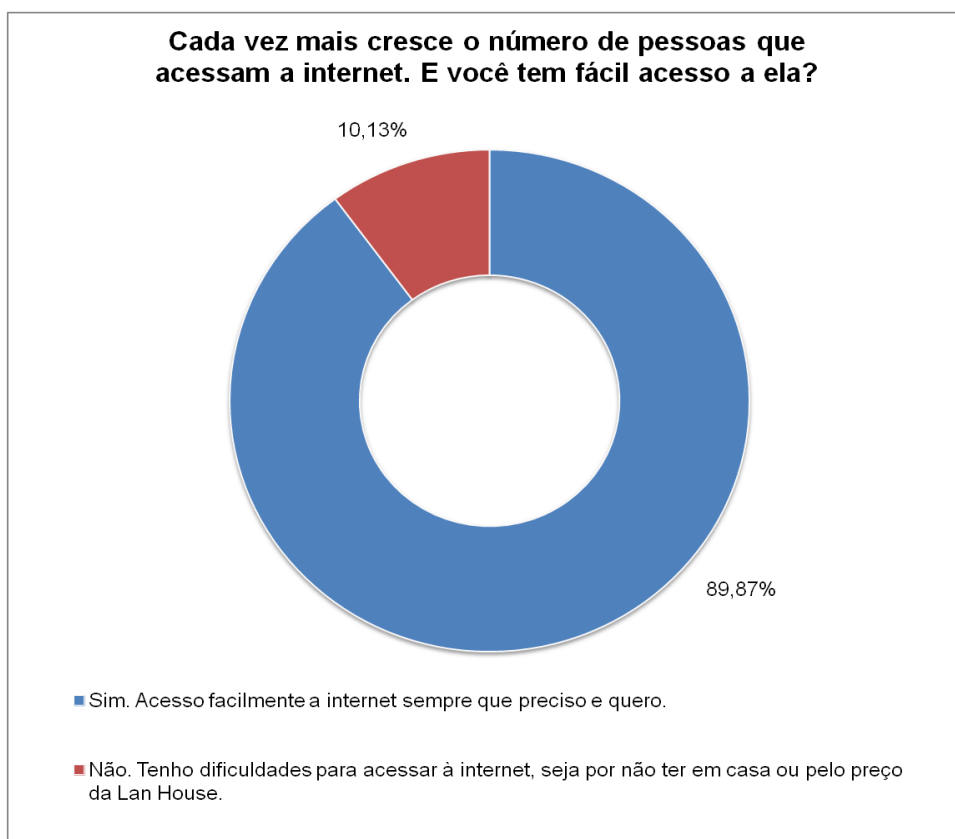
Pelos resultados, 64,56% disseram que não são afetados pelas mudanças nas tecnologias e que isso não lhes causam nenhuma frustração; 24,68% disseram que às vezes são afetados, pois desejam ter um produto tecnológico igual aos dos amigos; e 10,76% se dizem frustrados por não poderem acompanhar as mudanças nas tecnologias da informação.

Como a maioria deles afirmou não se sentir afetada pela rápida obsolescência dos produtos tecnológicos, esse resultado deixou uma incógnita: ou eles têm sempre os produtos novos; ou não se importam mesmo, sendo indiferentes, portanto, com as novidades do mercado. Isso só poderia ser esclarecido mediante uma nova pesquisa que instigasse mais esse fenômeno.

Contudo, ainda há que considerarmos que muitos deles às vezes se frustram e os que realmente gostariam de ter sempre o aparelho de última geração. Segundo MacLuhan (apud SILVA, 2008), isso se dá pelo fato de sermos movidos pelo *Tecnofetichismo*, ou seja, por quereremos sempre uma máquina cada vez mais atualizada, mais veloz, que nos dê o mesmo prazer do brinquedo novo da infância.

Ainda segundo Silva (2008, p. 26): “O efeito é notório: devemos nos reequipar ordinariamente para acompanhar o apelo da velocidade e da potência que os *softwares* exigem. Não são os computadores que ficam mais lentos, nós ficamos mais velozes. Uma verdadeira tirania do efêmero”. De posse então desses computadores (tão utilizados na atualidade quanto a televisão nas décadas de 60, 70 e 80), que estão interligados em rede por causa do acelerado desenvolvimento das tecnologias da comunicação, é que se procurou saber se eles têm fácil acesso à internet. As respostas encontram-se, então, no gráfico 03 a seguir.

GRÁFICO 03: ACESSO À INTERNET.

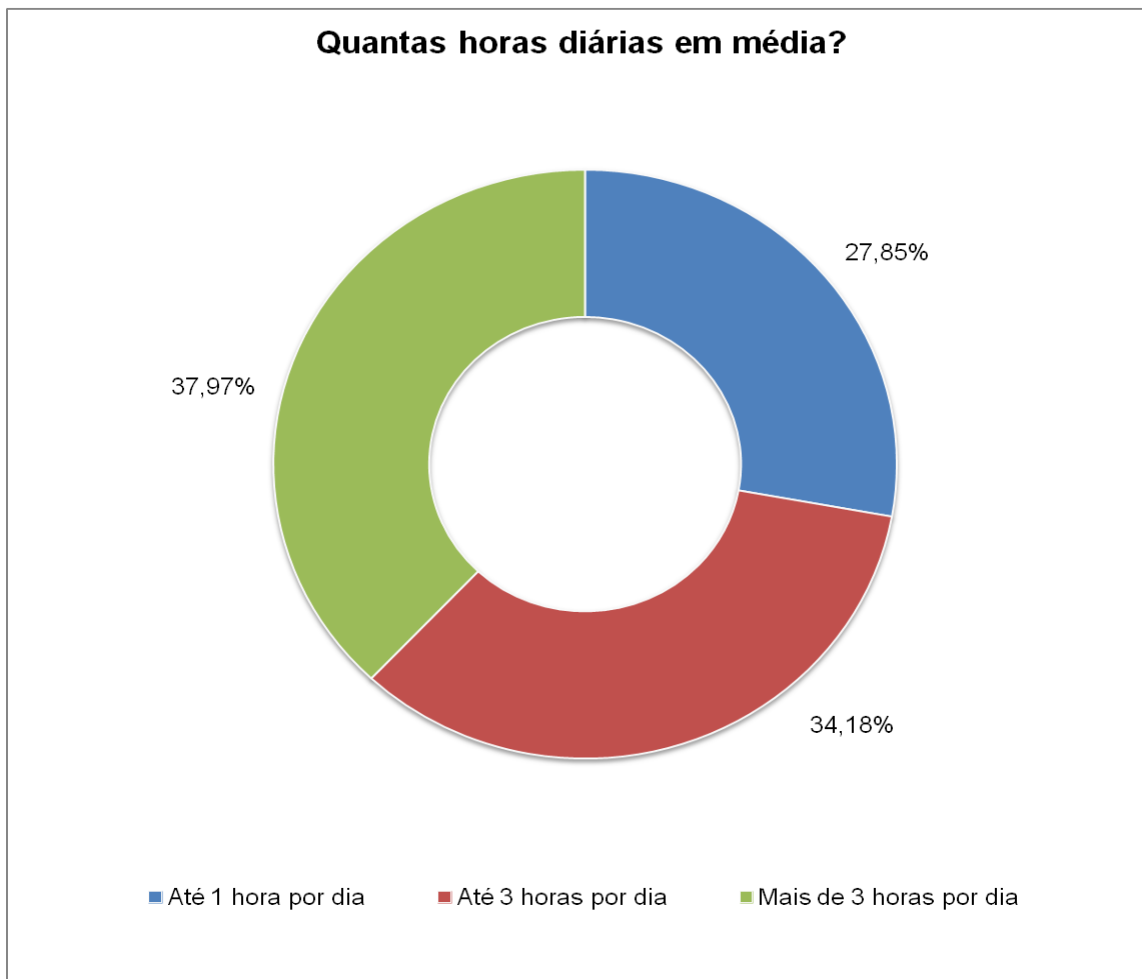


Pelos resultados, 89,87% têm fácil acesso à internet sempre que querem e precisam e 10,13% têm o acesso dificultado por não possuírem o computador em casa ou ainda pelo preço das *lan houses*. Esses dados corroboram dados anteriores quando se perguntou qual o produto tecnológico mais utilizado por eles em que apareceu o computador disparadamente em primeiro lugar. Os resultados apontam ainda que o uso da internet, apesar de controvérsias, vem crescendo em ritmo acelerado por causa da sua facilidade de uso e da sua interatividade, principalmente. Segundo Setton (2010, p. 92):

[...] a nova universalidade proposta pela rede de computadores não se reduziria mais na autossuficiência dos textos escritos, na fixação de ideias e na independência das significações. Ela se constrói e se estende por meio da interconexão das mensagens entre si, por meio de sua vinculação permanente com as comunidades virtuais em criação.

Como se viu, a interatividade é uma das características mais marcantes da internet em virtude da alta circulação de mensagens e conteúdos agora disseminados de forma transversal e participativa. Devido então à sua atratividade, que consegue fazer com que os usuários se desliguem da sua realidade física e socioafetiva circundante, procurou-se saber quantas horas diárias os alunos internautas ficam conectados à internet (Gráfico 04).

GRÁFICO 04: TEMPO DE CONEXÃO À INTERNET.



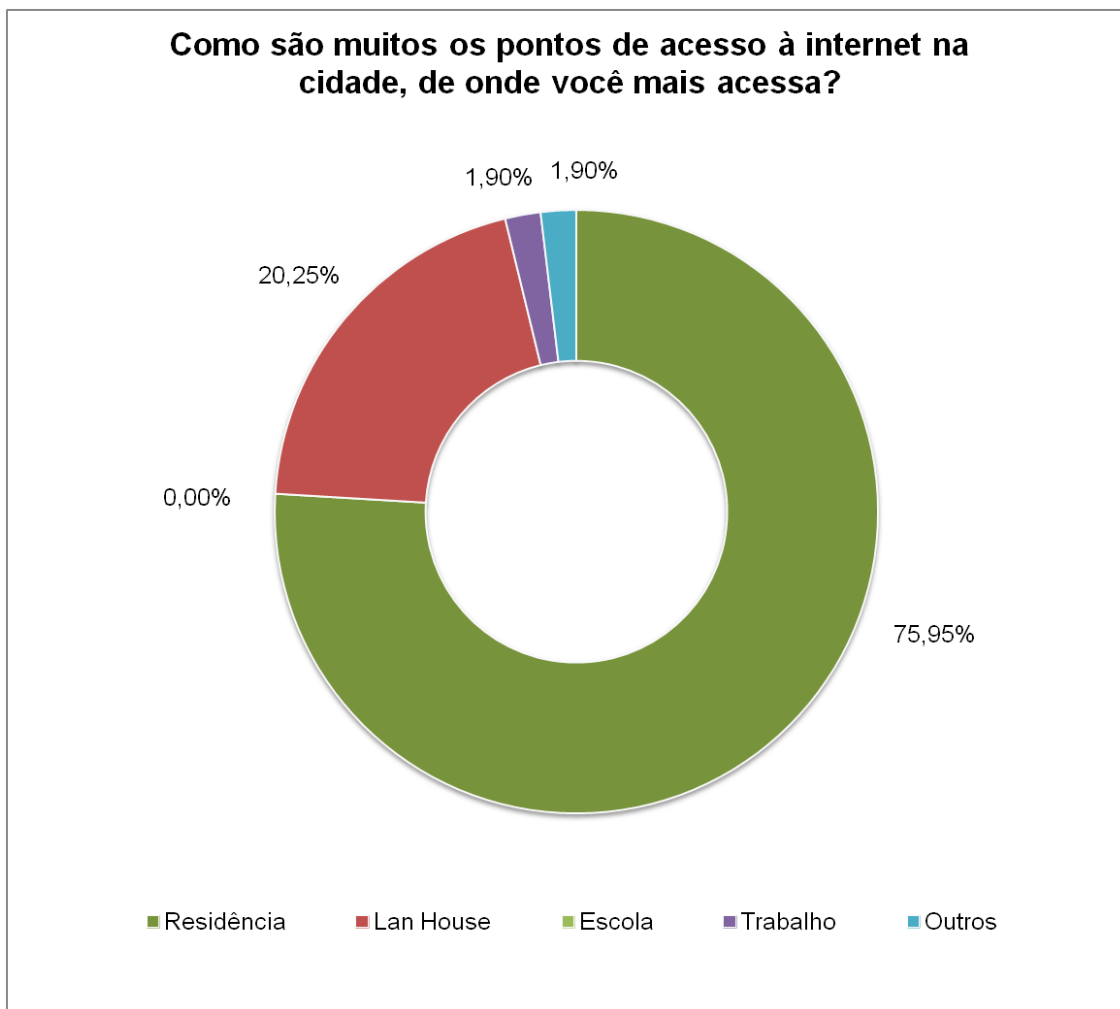
FONTE: DADOS DA PESQUISA.

De acordo com os resultados, 27,85% ficam conectados à internet até 1(uma) hora por dia, 34,18% até 3 (três) horas e 37,97% mais de 3 (três) horas. Vê-se que é um tempo considerável de conexão à internet. Com a crescente inovação presente na internet, num curto período de tempo, ela configurou-se como um potente meio de comunicação de massas de difícil controle. As facilidades de uso tornaram-na uma tecnologia imprescindível que oportuniza ao usuário uma nova experiência, visto que elimina as distâncias, apaga as fronteiras arbitrárias entre disciplinas e facilita a aprendizagem coletiva.

Contudo, esse espaço virtual tem atraído os usuários para o seu ambiente por muito mais tempo, como foi visto nos dados desta pesquisa, quando mostrou que mais da metade dos alunos ficam conectados à internet por mais de duas horas. Se os alunos ficam tanto tempo assim

diariamente, de onde então eles mais a acessam? A resposta para esta questão encontra-se visualizada no próximo gráfico.

GRÁFICO 05: LOCAIS ONDE MAIS ACESSAM A INTERNET.



FONTE: DADOS DA PESQUISA.

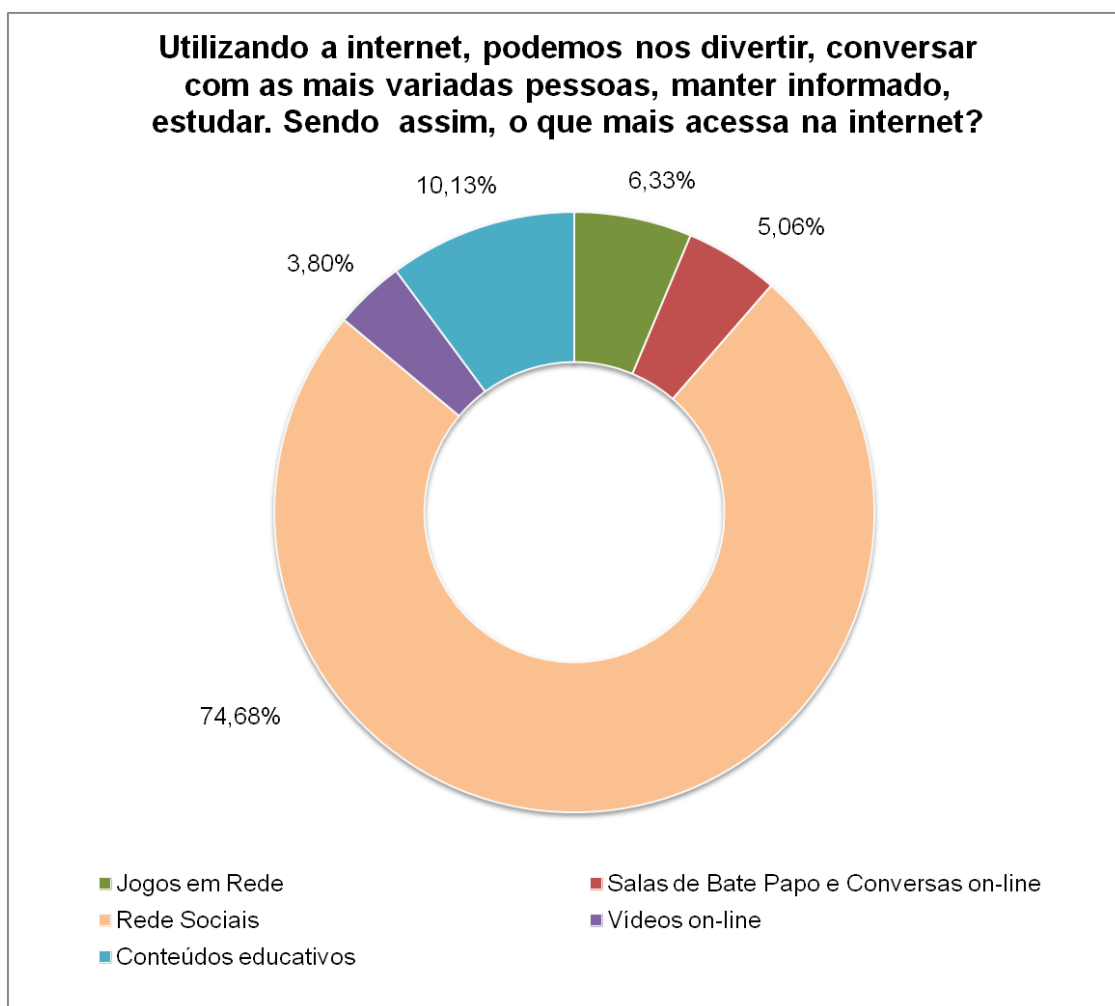
Segundo os dados apresentados no Gráfico 5, são 75,95% os que acessam da residência, 20,25% das *lan houses*, 1,90% da escola e também 1,90% do trabalho. Os resultados mostram, portanto, que a maioria tem acesso à internet da sua residência e gastando um tempo diário considerável. A ideia inicial de que os alunos pulam os muros da escola para frequentarem *lan houses* foi refutada pelos números da pesquisa.

Esse uso indiscriminado do computador em casa afeta as relações familiares e fazem com que os nossos deslocamentos aconteçam sem termos que sair do próprio lar, provocando a nossa

inércia. De acordo com Belloni (2009, p. 57): “As sociedades contemporâneas são técnicas e industriais e estas características impregnam todas as esferas da vida social, invadindo o espaço privado, antes domínio do indivíduo e de sua família”. O resultado disso é que, hoje, o espaço doméstico está carente de comunicação e de sociabilidade entre os entes familiares. Nesse sentido: “O espetáculo moderno é, ao mesmo tempo, a maior presença e a maior ausência” (SETTON, 2010, p. 61).

Ainda pensando na relação desse jovem com as novas tecnologias, perguntou-se ainda o que eles mais acessam na internet, visto que nesta encontram-se uma gama de conteúdos educativos e muitas possibilidades de entretenimento. As respostas para esta pergunta podem ser visualizadas no próximo gráfico.

GRÁFICO 06: CONTEÚDOS ACESSADOS NA INTERNET.



FONTE: DADOS DA PESQUISA.

Segundo os resultados apresentados no Gráfico 6, os que usam os jogos em rede são 6,33%, os que gostam das redes sociais são 74,68%, os que gostam das salas de bate papo são 5,06%, os que acessam conteúdos educativos são 10,13% e apenas 3,80% acessam os vídeos *on line*. Os jovens pesquisados demonstraram pouco interesse pelos conteúdos educativos, enquanto que a maioria deles optou pelo entretenimento na rede. Para explicar esses grupos com gostos semelhantes, Souza (2003, p. 57) afirma que:

[...] a classe deixa de ser percebida a partir de propriedades ou de coleções de propriedades para ser definida como fundamento de “práticas sociais” similares, que permitem estratégias comuns e consequências compartilhadas mesmo na ausência de acordos conscientes e refletidos. O pertencimento à classe explica por que os indivíduos se movem de modo arbitrário no espaço social.

Quanto à preferência pelo uso da *World Wide Web*, é que esta, apesar de se constituir como meio de busca de documentos, sua vantagem principal é a capacidade de navegação sem limites, possibilitando o surgimento de ideias e pistas novas em um espaço ilimitado e desconhecido. O espaço virtual utiliza-se da interatividade para atrair cada vez mais os usuários para o seu ambiente. Daí se justifica a preferência dos alunos pesquisados pelos *blogs*, *bate-papos*, *softwares* de mensagens instantâneas (*MSN Menssenger*), jogos, fóruns, ambientes de relacionamento como o *Orkut e Facebook*.

Entretanto, toda essa evolução tecnológica tem afetado fortemente a cultura, uma vez que tem proporcionado o surgimento de uma cultura comum para a maioria dos indivíduos em quase todo o mundo, sendo assim denominada de cultura da mídia. Segundo Kellner (2001, p.10), “[...] trata-se de uma cultura que passou a dominar a vida cotidiana, servindo de pano de fundo onipresente e muitas vezes de sedutor primeiro plano para o qual convergem nossa atenção e nossas atividades, algo que, segundo alguns, está minando a potencialidade e a criatividade humana”. Desse modo, busca-se acabar com as diferenças individuais, homogeneizando os gostos e ainda reduzindo a capacidade crítica dos indivíduos, seja pelos produtos ou pelo entretenimento.

4.3. A RELAÇÃO DO ALUNO COM A INFORMAÇÃO NA ERA DAS NOVAS TECNOLOGIAS

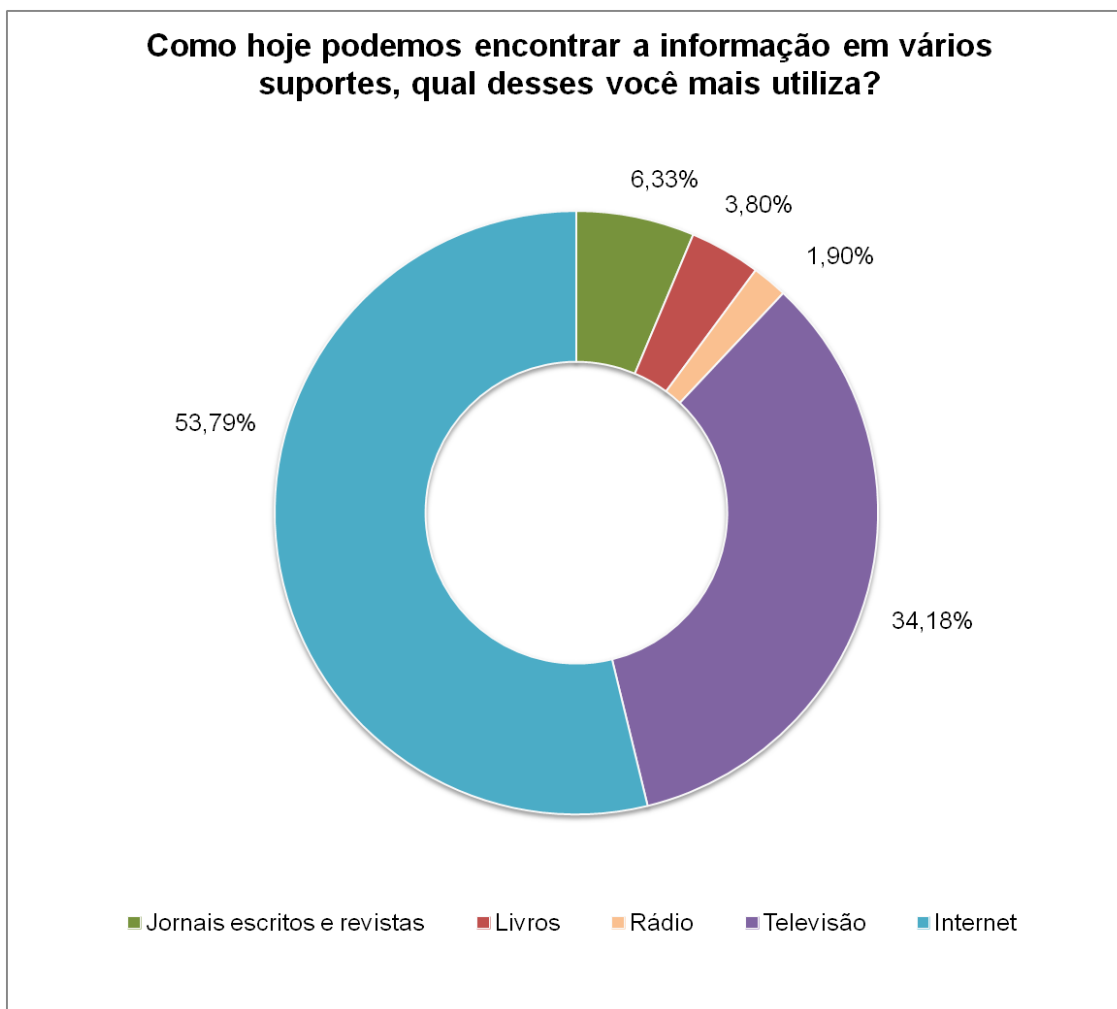
Como as novas tecnologias fazem parte da rotina dos alunos, torna-se imprescindível verificar qual a relação deles com as informações advindas desses aparatos tecnológicos. Estes mudaram os padrões da vida cotidiana, reestruturando poderosamente os modos de lidar com o conhecimento.

Vive-se hoje numa nova sociedade, denominada de Sociedade da Informação, que apresenta características peculiares como: a informação é utilizada como um recurso econômico; e a informação é utilizada por um público cada vez mais crescente. Segundo Tijiboy (2008, p. 52): “[...] a sociedade atual se caracteriza pela grande quantidade de informação existente, pelo fácil acesso a ela por parte dos que possuem e dominam os recursos tecnológicos e telemáticos e também pela constante e rápida mudança da informação”.

É notório também que os meios de comunicação e as tecnologias em geral influenciam os alunos na forma de se relacionarem com o conhecimento, modificando até mesmo a maneira como eles leem e estudam. Isso exige mudanças por parte das instituições educacionais, repensando o seu lugar na sociedade contemporânea, visto que emerge, segundo Silva (2008, p. 10), “[...] um mundo com novos elementos de composição: ciberespaço, comunicação virtual, internet, entre outros [...]”.

Partindo, pois, dessas considerações, esta pesquisa quis conhecer a relação desses alunos com a informação na era das novas tecnologias. E como hoje a informação pode ser encontrada em vários suportes, tanto físicos quanto digitais, perguntou-se, dentre jornais escritos e revistas, livros, rádio, televisão e internet, qual destes os alunos mais utilizam. Os resultados podem ser visualizados no próximo gráfico.

GRÁFICO 07: SUPORTE DE INFORMAÇÃO PREFERIDO PELOS ALUNOS.



FONTE: DADOS DA PESQUISA.

Conforme os resultados, 6,33% utilizam jornais escritos e revistas; 3,80% utilizam livros; apenas 1,90% faz uso do rádio; 34,18% preferem a televisão; e 53,79%, mais da metade, portanto, utilizam a internet. Reportando a dados anteriores desta pesquisa, isso corrobora o fato de o computador com acesso à internet ter aparecido como a tecnologia mais usada, chegando a percentuais maiores que 80%.

A preferência esmagadora dos alunos pelas informações veiculadas pela televisão e pela internet, que atingiu mais de 50% dos pesquisados, evidencia como as tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em todas as dimensões da nossa vida. Já a pouca preferência pelos livros fundamenta-se no fato de que se vive numa sociedade acelerada e potencializada por relações efêmeras e sedentas de velocidade, dentre outras questões. Na visão de Silva (2008, p. 27): “A leitura demanda tempo e tempo, como vimos, é um ‘objeto’ valioso e

mal controlado. O tempo que demanda a leitura de um livro torna-se antieconômico frente ao acesso à informação *multimedia*” (Grifo do autor).

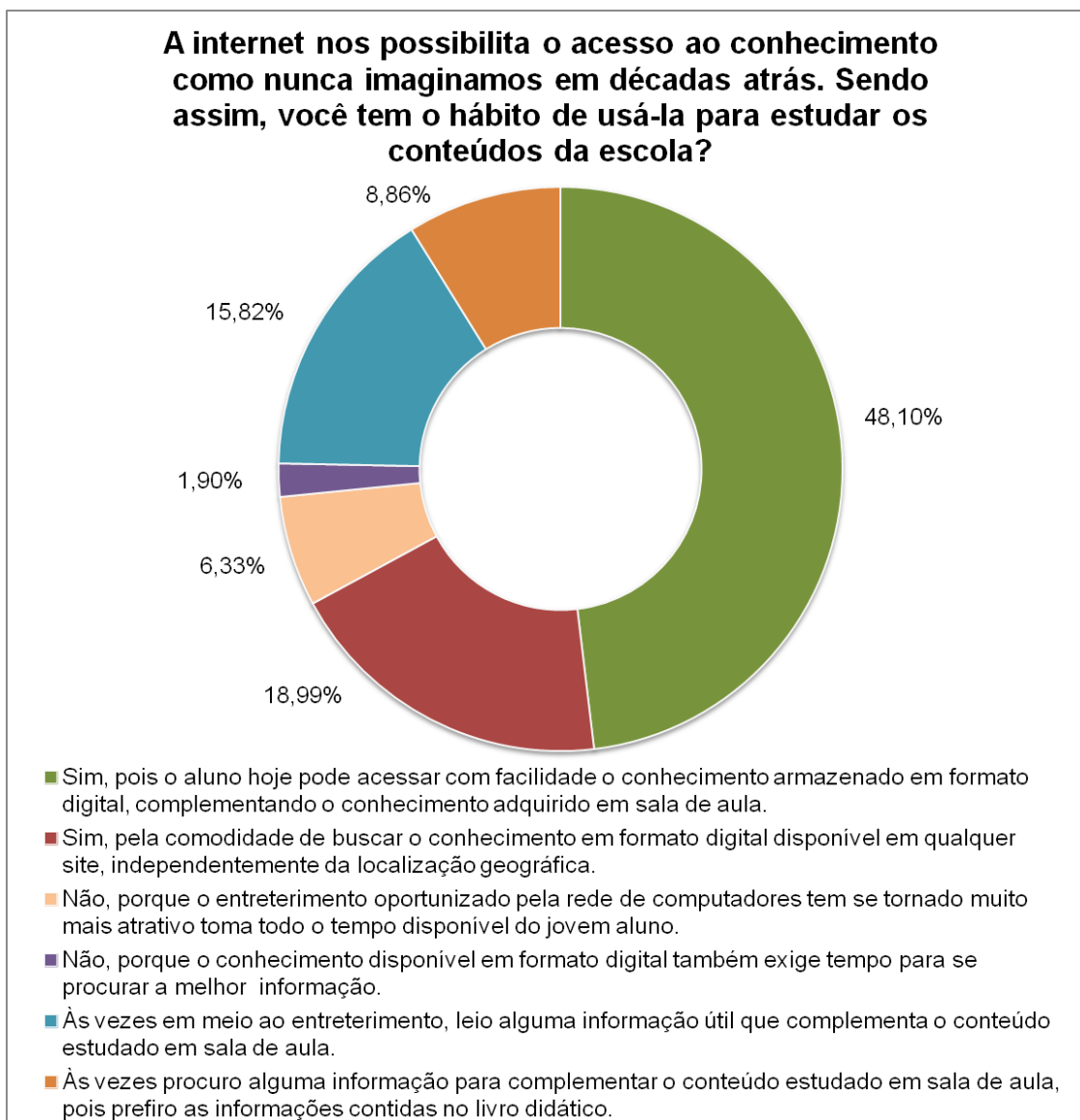
Quanto à grande preferência pela internet, esta inicialmente foi criada para uso militar e só por algum tempo esteve acessível à elite e aos grandes centros de pesquisa. Hoje está presente na maioria dos lares brasileiros, independentemente da renda e da escolaridade dos membros da família, como já mostraram os dados deste estudo. Essa larga expansão se deve não só por sua acessibilidade, crescimento dos mercados e popularidade entre todos os segmentos sociais, mas também pelas inúmeras maneiras de uso que antes não foram previstas.

Desse modo, na internet:

Todos procuram seus semelhantes, seus interesses. Cada um busca a sua "turma". Ninguém impõe o que você deve acessar na rede. Nela você encontra desde o racismo mais agressivo ou a pornografia mais deslavada até discussões sérias sobre temas científicos inovadores (MORAN, 1995, p. 25; grifo do autor).

Ainda segundo Moran (1995), o encantamento da internet, o seu poder de sedução, fundamenta-se na possibilidade de se criar usos múltiplos e diferenciados para ela. Mas por trás disso está o *marketing*, que pesquisa para produzir e distribuir o que interessa aos internautas para se aproximarem cada vez mais deles. Nesse sentido, a sociedade, que partiu do seu uso inicial, tem buscado outras utilizações inovadoras ou inesperadas. E um dos seus usos, e que poderia ser muito proveitoso, é o fácil acesso ao conhecimento. Sendo assim, perguntou-se aos alunos se têm o hábito de usá-la para estudar os conteúdos escolares, sendo que os resultados podem ser conferidos no próximo gráfico.

GRÁFICO 08: O USO DA INTERNET PARA ESTUDO DOS CONTEÚDOS ESCOLARES.



FONTE: DADOS DA PESQUISA.

Pelos resultados, 48,10% responderam que sim, visto que os alunos hoje podem acessar com facilidade o conhecimento armazenado em formato digital, complementando o conhecimento adquirido em sala de aula; 18,99% disseram que sim, mas pela comodidade de se buscar o conhecimento em formato digital disponível em qualquer *site*, independentemente da sua localização geográfica; 6,33% responderam não, porque o entretenimento oportunizado pela rede de computadores tem se tornado muito mais atrativo, tomando todo o tempo disponível do jovem aluno; 1,90% disseram não, mas porque o conhecimento disponível em formato digital também exige tempo para se procurar a melhor informação; 15,82% responderam que às vezes,

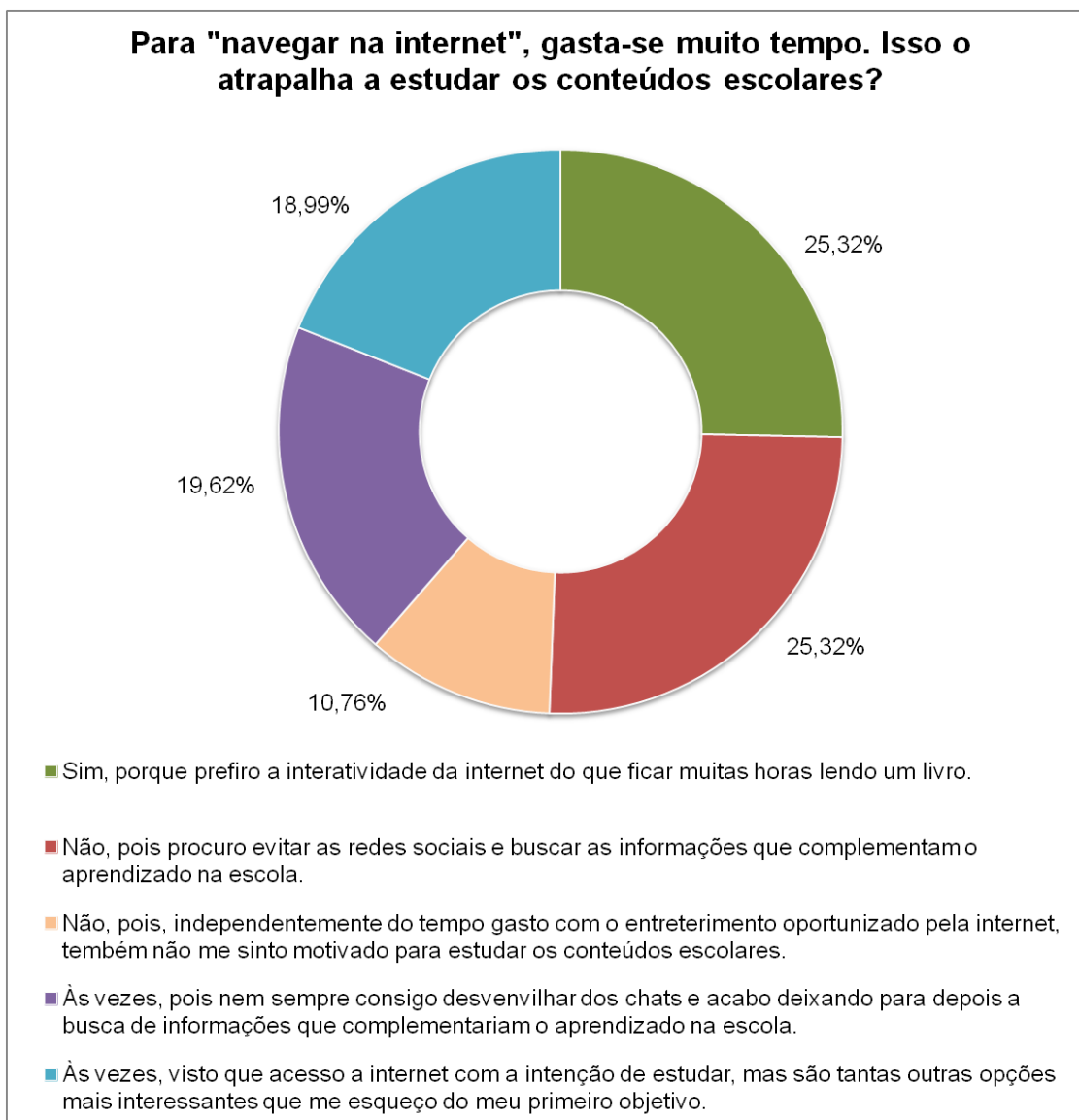
visto que, em meio ao entretenimento, eles leem alguma informação útil que complementaria o conteúdo estudado em sala de aula; e 8,86% também responderam que, às vezes, procuram alguma informação para complementar o conteúdo estudado em sala de aula, mas ainda preferindo as informações contidas no livro didático.

Pelos números apresentados, quase a metade dos alunos evidenciou os novos modos de acesso ao conhecimento, bem diferentes, portanto, dos tradicionais livros didáticos. Essa nova forma de aquisição de conhecimentos por meio da internet vem pressionando a instituição escolar a romper com seus paradigmas em prol de uma revitalização do campo educacional (BRETAS, 2008).

Há que se considerar ainda que muitos alunos mencionaram a busca por informação em meio ao entretenimento, mesclando assim pesquisa e lazer. Isso é possível pelo fato de vivermos numa cultura predominantemente visual, na qual predomina uma linguagem simplificada, repleta de imagens, que facilita a apreensão das mensagens instantâneas. Conforme Setton (2010, p. 104), “[...] se instauram, nessa nova configuração de cultura, aprendizagens permanentes e personalizadas de navegação em que a orientação dos estudantes e professores passa a ser dirigida para um espaço do saber flutuante e destotalizado”.

E para essa “navegação” na internet, gasta-se muito tempo em virtude da sua interatividade e da sua atratividade. Pensando, pois, nessa característica do ciberespaço, perguntamos aos alunos se isso os atrapalha a estudar os conteúdos escolares. Os resultados podem ser conferidos no próximo gráfico.

GRÁFICO 09: O TEMPO GASTO NA INTERNET ATRAPALHA ESTUDAR OS CONTEÚDOS ESCOLARES?



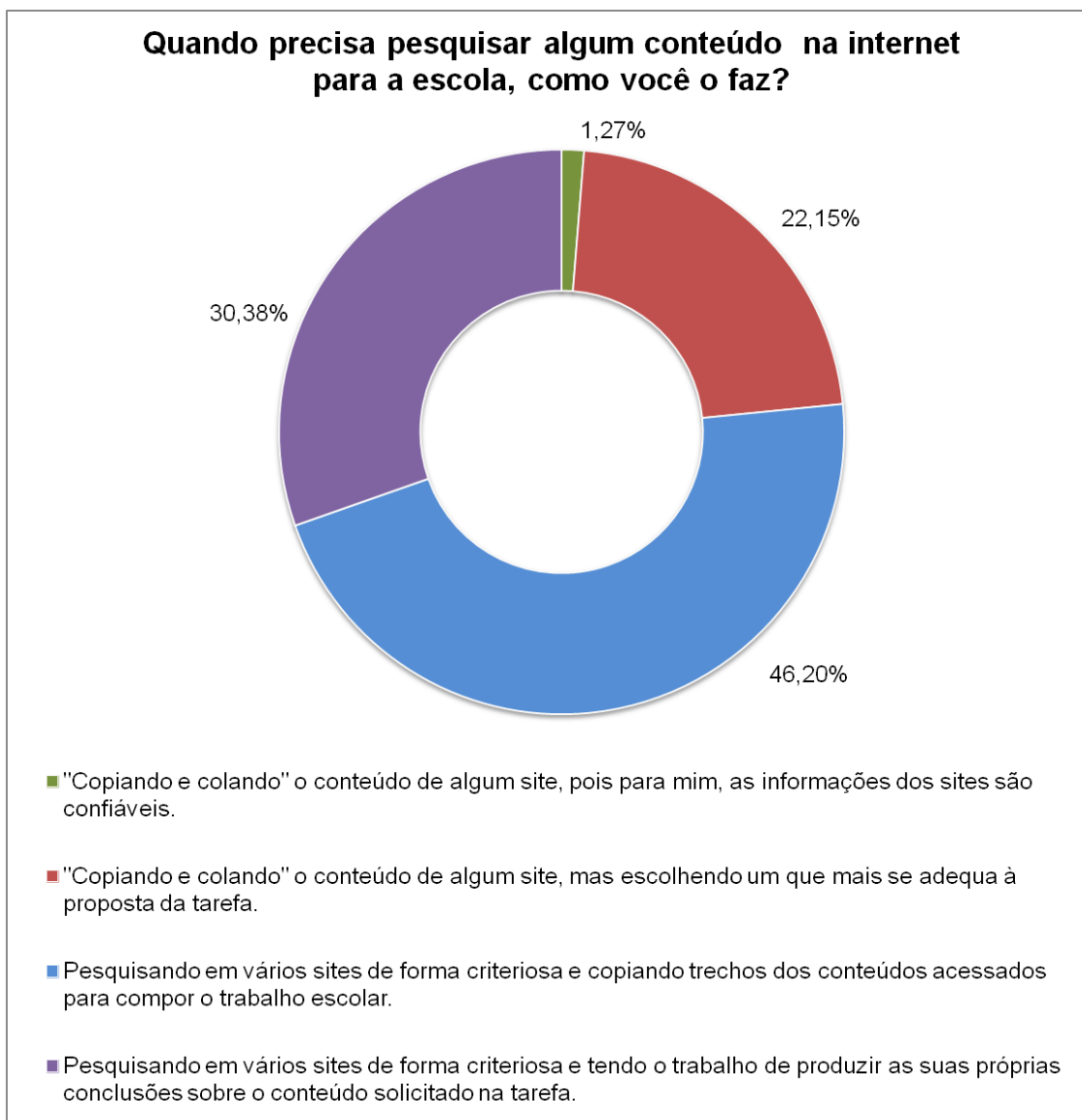
FONTE: DADOS DA PESQUISA.

Conforme os resultados, 25,32% afirmaram que sim, visto que preferem a interatividade da internet a ficar muitas horas lendo um livro; 25,32% disseram não, pois procuram evitar as redes sociais para buscarem as informações que complementarim o aprendizado na escola; 10,76% também disseram não, mas mencionaram a desmotivação pessoal para os estudos; 19,62% disseram que às vezes estudam, porque nem sempre conseguem desvencilhar dos *chats* e acabam deixando para depois a busca de informações que complementariam o aprendizado na escola; e 18,99% também afirmaram que às vezes, pois, apesar da intenção de estudar, acabam se prendendo nas várias opções interessantes oportunizadas pelo espaço virtual.

No geral, este item retoma pontos discutidos em questões anteriores como: a interatividade e a atratividade da internet; a desmotivação pelo aprendizado escolar tradicional; o gosto pelas mensagens instantâneas; e o total desinteresse pelos livros. Isso sinaliza novos desafios para o trabalho pedagógico, para a mídia-educação e também para a biblioteconomia escolar, pois é premente a necessidade de se aprender a lidar com uma cultura midiática jovem, muito mais interativa e participativa; com fronteiras menos precisas entre uma elite produtora de mensagens e a massa de consumidores típica das mídias de massa; e com novos modos de perceber o mundo e de aprender (BELLONI, 2009).

Relacionando então trabalho pedagógico, mídia-educação e biblioteconomia escolar, perguntamos a eles como pesquisam na internet algum conteúdo para a escola. Os resultados estão registrados no próximo gráfico.

GRÁFICO 10: PESQUISA DE CONTEÚDOS ESCOLARES NA INTERNET.



FONTE: DADOS DA PESQUISA.

Pelo exposto no gráfico 10, só 1,27% copiam e colam o conteúdo de algum *site* pelo fato de confiarem nas informações dele; 22,15% copiam e colam o conteúdo de algum *site*, porém escolhem um que mais se adequa à proposta da tarefa; 46,20% pesquisam em vários *sites* de forma criteriosa, mas copiam trechos dos conteúdos acessados para compor o trabalho escolar; e 30,38% pesquisam em vários *sites* de forma criteriosa, tendo o trabalho de produzir as suas próprias conclusões sobre o conteúdo solicitado na tarefa.

Embora o ato de “copiar” e “colar” material informativo da internet deixe os professores indignados, este ato está arraigado na cultura escolar, uma vez que os textos das pesquisas escolares sempre eram copiados a mão de alguma enciclopédia, não sendo muito diferentes, portanto, dos copiados eletronicamente.

Com o advento das tecnologias digitais, e principalmente da Internet, as queixas sobre pesquisas escolares copiadas na íntegra parecem ter aumentado muito e a facilidade com que se pode copiar textos integral ou parcialmente dá-nos a ideia de que a Internet criou uma cultura de copiar e colar que até então não existia. Mas isso não é verdade. A reprodução de textos na íntegra ou de excertos reorganizados em um novo texto é uma prática que remonta o advento da escrita (ANTONIO, 2010).

Tirando os 30,38% dos alunos que disseram que pesquisam o assunto e que produzem as suas próprias conclusões, todos os outros assumiram que praticam a cópia. Entretanto, isso revela não uma comodidade por parte deles, mas um trabalho pedagógico mal direcionado, que evidencia, segundo Antonio (2010): falta de planejamento pedagógico do professor; falta de clareza na proposta de pesquisa e falta de orientação adequada aos alunos sobre os procedimentos envolvidos em uma pesquisa escolar de forma geral; forma pobre com que a pesquisa é proposta, geralmente como uma “coleta genérica de dados”; falta de disposição do professor para analisar as produções de maneira crítica e construtiva, resumindo-se apenas ao trabalho de “coletar e classificar a pesquisa”; e abandono intelectual do aluno durante o processo de pesquisa.

Na visão de Belloni (2009, p. 10), a escola responderá a este desafio: “Integrando as tecnologias de informação e comunicação no cotidiano da escola, na sala de aula, de modo criativo, crítico, competente”. Desse modo, a escola responderia às exigências da sociedade no sentido de concretizar uma revitalização do campo educacional, experimentando, inclusive, as novas formas de aprender e de ensinar advindas dos recursos tecnológicos.

Para esses mesmos alunos, que, na sua maioria, têm computador em casa, gastam mais de duas horas diárias “navegando” na internet em redes sociais e que pesquisam conteúdos escolares “copiando” e “colando”, perguntou-se a opinião deles sobre as causas que os levam a saírem tão mal no ENEM. As considerações sobre as respostas, que não estão sob a forma de gráficos, mas pertencem a este mesmo bloco, podem ser conferidas no próximo item.

4.4 A OPINIÃO DO ALUNO SOBRE O BAIXO RENDIMENTO DA REDE PÚBLICA NO ENEM

Embora os alunos sejam ainda bem jovens para opinarem sobre uma questão polêmica como é o resultado do ENEM, e a realização do próprio exame em si, inevitavelmente eles convivem com isso no último ano do ensino médio. Não sendo também proposta desta pesquisa realizar uma análise mais detalhada sobre o assunto. Nesse sentido, foi perguntado a eles: “Como é concludente do ensino médio, o que você acha que afeta o rendimento dos alunos da rede pública divulgado pelo ENEM. Cite duas dessas causas, segundo a sua opinião”. As respostas dos alunos encontram-se em forma de tópicos e aparecem citadas neste trabalho pelo grau de ocorrência.

4.4.1 Falta de interesse dos alunos

A falta de interesse dos alunos foi citada por quase todos, mostrando como eles se sentem responsabilizados por um resultado negativo que é resultante de inúmeros problemas crônicos na educação brasileira, que, ao se estender para os filhos da classe trabalhadora, foi sofrendo um crescente aviltamento do conhecimento sistemático. Não assegurava, portanto, aos filhos dos “despossuídos” um ensino baseado nas artes liberais e nas ciências modernas.

Entretanto, essa escola se solidificou como uma escola pública, universal, laica, obrigatória, e gratuita, mas sem garantir a qualidade que as famílias trabalhadoras almejavam para a sua prole. Na visão de Souza (2003), não se pode pensar na compreensão de um fato sem que se pense na realidade que o produziu. Portanto, é perfeitamente justificável a falta de interesse pelos estudos desses alunos que se veem diante de um ensino defasado, sem investimentos do poder público e que não acompanha, portanto, o dinamismo da realidade social.

4.4.2 Falta de acesso a livros na biblioteca

As bibliotecas das escolas pesquisadas, com exceção de uma que está em fase de revitalização, segundo os coordenadores pedagógicos, estão funcionando normalmente, apesar de ser visualizada a situação de precariedade que se encontram. Segundo Silva (1995), há um

silêncio consentido em torno da biblioteca escolar, ou seja, há uma omissão generalizada por parte de autoridades, pesquisadores, professores e até mesmo dos bibliotecários.

Como a escola pública brasileira ainda apresenta problemas crônicos, o que dizer da sua biblioteca que decorre da importância que a informação tem para cada sociedade e que deveria participar do aprimoramento intelectual, humanístico, técnico e científico de todos os segmentos sociais (ARAÚJO; OLIVEIRA, 2005)?

Nesse sentido, a biblioteca constitui-se como um lugar desprezível, abandonada, depósito de sucatas, com acervo inacessível. Também os recursos humanos, na sua maioria, são professores em final de carreira sem nenhuma disposição para incentivar o uso dos recursos informacionais da biblioteca. .

Quanto ao potencial do uso da biblioteca na escola brasileira, Silva (1995) ainda afirma que a literatura especializada atribui duas importantes missões: a biblioteca deve ser um organismo de apoio ao processo ensino-aprendizagem e deve promover o gosto e o hábito de leitura entre os estudantes. Sendo assim, o uso da biblioteca na escola pode contribuir muito para a formação de alunos autônomos, críticos e criativos, diferentemente dos que “navegam” na internet por muitas horas e que vivenciam apenas aulas expositivas e atividades mecanicistas dos livros didáticos.

4.4.3 Precariedade das escolas públicas

As condições físicas das escolas públicas sempre são temas dos meios de comunicação, seja pelo descaso do Poder Executivo, seja pela depredação praticada pelos próprios membros da comunidade assistida. Nas escolas pesquisadas, só uma, a mais antiga delas, está sendo completamente reformada. No mais, os alunos da rede pública têm que conviver com prédios velhos e com espaços pedagógicos adaptados (biblioteca, laboratório de ciências e de informática), além do sucateamento do mobiliário. Geralmente são ambientes feios e mal cuidados, acentuando ainda mais a dicotomia: escola de rico *versus* escola de pobre. Condições como essas, indiscutivelmente, afetam o ensino-aprendizagem.

Segundo Alves (2004), a escola pública, como tantos outros serviços públicos (vejamos a saúde pública, por exemplo) foi também obrigada a exercer modalidades improdutivas, não

necessárias socialmente, devido à falta de estrutura física de prédios e equipamentos e de profissionais qualificados geradas pela ação reguladora do Estado.

4.4.4 “Navegação” na internet

Em boa parte desta pesquisa os números apontaram para o uso do computador em casa, conectado à internet, durante muitas horas diárias e ainda para a preferência pelas redes sociais (Facebook, Orkut, MySpace, Hi5 etc). Novamente aqui, numa questão aberta na qual podiam citar qualquer outro empecilho para os estudos, eles mencionaram a “navegação” na internet como uma das causas que os impedem de estudarem, contribuindo assim para o rendimento insatisfatório dos alunos da rede pública no ENEM. Como há uma comparação de resultados entre escolas privadas e públicas, só uma pesquisa semelhante com os alunos das boas escolas particulares poderia elucidar com mais precisão esta questão.

Moran (1995), ao abordar o encantamento que temos pelas novas tecnologias, afirma que o processo de ensino-aprendizagem pode ganhar mais dinamismo, inovação e poder de comunicação inusitados, visto que alunos e professores poderiam pesquisar em bibliotecas eletrônicas, revistas *on line*, com muitos textos, imagens e sons, que facilitariam a tarefa de preparar as aulas, fazer trabalhos de pesquisa e ter materiais atraentes para estudo.

Contudo, o autor afirma que um novo re-encantamento pelas tecnologias depende de nós mesmos em querermos ser pessoas plenas numa sociedade em grandes mudanças e que nos empurra para um consumismo devorador e pernicioso. Ainda segundo ele, é muito bom crescer, evoluir, comunicar-se plenamente com tantas tecnologias de apoio, mas, por outro lado, é frustrante constatar que muitos só as utilizam nas suas dimensões mais superficiais e alienantes.

4.4.5 Trabalho pedagógico do professor

O trabalho do professor em sala de aula, que aqui procurou envolver todas as variações que foram escritas na pesquisa, foi lembrado pela falta de criatividade, de motivação, de planejamento, de atualização, de interesse em acompanhar o crescimento do aluno, pela excessiva preocupação com o piso salarial nacional. Tudo isso não é novidade em virtude da acelerada

desvalorização do professor que é apenas um dos reflexos da massificação do ensino público brasileiro.

Na história da educação, o professor, de acordo com Silva (2006), passa de um trabalho individual, quase artesanal, para fazer parte da massa assalariada dos funcionários da burocracia estatal. Sendo assim, “o assalariamento do trabalho docente é resultado dos processos de funcionarização dos professores e estatização da educação escolar” (SILVA, 2006, p. 161).

Sendo assim, é no trabalho pedagógico que mais reflete a falta de uma política educacional efetiva, com verbas públicas para o ensino público, com valorização da carreira docente e com diretrizes educacionais coerentes que sejam capazes de evitar os desencontros das políticas governamentais.

4.4.6 Condições financeiras dos alunos

Em dado anterior desta pesquisa, um terço dos alunos afirmou que desenvolve alguma atividade remunerada, com jornada que varia de 4 a mais de 8 horas diárias. Porém, como não se perguntou sobre a renda familiar, acredita-se que as difíceis condições financeiras se estendam também a muitos outros alunos, visto que foi muito citada nos questionários. Com isso, eles têm plena consciência de como o trabalho afeta o desenvolvimento intelectual e até mesmo a escolarização do aluno trabalhador.

Nas famílias de classes populares, é na adolescência, e em muitos casos desde a infância, que os filhos são inseridos no mercado de trabalho em função das dificuldades financeiras da família que não podem mantê-los apenas como estudantes. Nessas condições, a continuidade da escolarização, com a entrada no ensino médio que os pais incentivam, fica a cargo dos próprios filhos, que devem conciliá-la com o trabalho (ROMANELLI, 2001).

Segundo Souza (2009), as famílias de classes baixas no Brasil, que o autor provocativamente chamou de “ralé”, apresentam pouco tipo de “aprendizado” formal. E como tiveram que abandonar a escola para ingressarem no mercado de trabalho muito cedo, não tiveram assim nenhuma experiência pessoal de sucesso escolar, não tendo, pois, condições de conduzirem os filhos sem a alternância trabalho-estudo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As escolas públicas pesquisadas, mesmo sendo apenas cinco, ostentam, por meio do seu aspecto físico, como mal conservação dos prédios, ambientes pedagógicos adaptados, bibliotecas precárias, os tradicionais problemas da educação nacional, só que talvez agora travestidos com outra roupagem. Resumidamente, e na visão dos jovens estudantes sujeitos desta pesquisa, esses problemas, que os colocam em desvantagem em relação aos seus colegas da rede particular, são falta de interesse dos alunos; falta de acesso a livros na biblioteca; precariedade das escolas públicas; “navegação” excessiva na internet; trabalho pedagógico do professor; condições financeiras dos alunos, dentre outros.

É, portanto, uma instituição que precisa se modernizar, até mesmo em virtude de duas forças complementares como: necessidade de um competente trabalho pedagógico frente a esse contexto permeado pelas novas tecnologias; e pressões sociais que requerem uma escola mais condizente com as exigências desse novo tempo. Isso implica na busca por uma instituição que traga para o seu bojo novas formas de ensinar e aprender.

No tocante à clientela da atual escola pública, ela não difere muito de quando teve início o seu processo de expansão, a partir da segunda metade do século XIX. Porque, segundo o perfil dos alunos pesquisados, eles, na sua maioria, têm entre 16 e 18 anos, moram com os pais, cuja escolaridade não chega ao ensino médio completo, um terço deles trabalha até 8 horas diárias. Só há uma característica típica desta nova geração: quase todos têm fascínio pelo computador, o que é perfeitamente compreensível.

No uso diário dessas novas tecnologias, cuja é inovação é constante, os alunos afirmaram que não se sentem afetados pela obsolescência dos produtos tecnológicos, apesar dos apelos do *marketing*, que fomenta o consumismo e a mercadorização, colocando o sujeito inerente à indústria, produzindo necessidades alheias e supérfluas.

Dessas novas tecnologias, exceto o celular, o computador é o preferido deles, com fácil acesso à internet e usam-no em casa, não precisando mais se deslocarem para as *lan houses*, como se cogitou no início desta pesquisa. Ainda é considerável o tempo de conexão à internet, uma vez que dois terços ficam até três horas e um terço dos alunos chega a ficar mais de três horas. É um tempo que, se fosse bem orientado, poderia ser gasto com atividades mais produtivas para eles, visto que preferem as redes sociais, mais interativas e com poder de comunicação inimaginável.

No intuito de verificar quais os principais conteúdos informacionais que esses alunos acessam na Internet, constatou-se que buscam muito pouco as informações veiculadas em jornais, revistas, rádio e livros. Estes são menos procurados talvez em decorrência da precariedade das bibliotecas das escolas pesquisadas. A grande constatação, portanto, é de que quase a totalidade dos alunos busca informações na internet, em virtude da sua facilidade de uso e pelo abundante conhecimento disponibilizado em formato digital, dispensando assim o tradicional e restrito livro didático.

Entretanto, essa busca pelo conhecimento se dá em meio ao entretenimento, numa alternância de pesquisa e diversão na *web*. E quando são solicitados a fazer alguma pesquisa escolar, eles “copiam” e “colam” o conteúdo de algum *site*, mas tendo o cuidado de adequá-lo à proposta da tarefa. Viu-se ainda que apenas um terço dos alunos leem e analisam o conteúdo com o objetivo de produzir o seu próprio texto.

Depois de verificar como eles se relacionam com as novas tecnologias e como se apropriam das informações advindas da *web*, só um bom trabalho pedagógico, alicerçado pela biblioteconomia escolar e pela mídia-educação desde os primeiros anos do ensino fundamental, poderá levá-los a ser sujeitos da sua própria aprendizagem.

A escola então consideraria o jovem inserido nessa nova cultura midiática, bem mais atrativa e interativa, podendo canalizar esses recursos informacionais ora disponíveis em prol do crescimento intelectual do aluno da rede pública, levando-o a ler, escrever, dominar linguagens, compreender e interpretar fenômenos, solucionar problemas, construir argumentação e elaborar propostas, tal qual os seus colegas da rede particular de ensino.

REFERÊNCIAS

ALGEBAILLE, Eveline Bertino. **Escola pública e pobreza no Brasil: a ampliação para menos.** Rio de Janeiro: Lamparina, Faperj, 2010.

ALVES, Gilberto Luiz. **A produção da escola pública contemporânea.** Campo Grande: Autores Associados, 2004.

ANDRADE, Maria Margarida. **Introdução à Metodologia do Trabalho Científico.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

ANDRÉ, Marli E. D. A. A pesquisa no cotidiano escolar. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da Pesquisa Educacional.** 9. ed. São Paulo: Cortez, 2004. (Biblioteca da Educação, Série I, Escola; v. 11). p. 35-45.

ANTONIO, José Carlos. Pesquisa escolar na Internet: Ctrl+C & Ctrl+V versus Cópia Manuscrita, **Professor Digital**, SBO, 31 jan. 2010. Disponível em: <<http://professordigital.wordpress.com>>. Acesso em: 23 out. 2011.

ARAÚJO, Eliany Alvarenga; OLIVEIRA, Marlene de. A produção de conhecimentos e a origem das bibliotecas. In: OLIVEIRA, Marlene de (Org.). **Ciência da Informação e Biblioteconomia.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 29-42.

BAPTISTA, Sofia Galvão; CUNHA, Murilo Bastos da. Estudos de usuários: visão global dos métodos de coleta de dados. **Perspectivas em Ciência da Informação**, v. 12, n. 2, mai/ago. 2007. p. 168-184.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é mídia educação.** 3. ed. rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. **Enem 2010.** Disponível em: <www.inep.gov.br/mediascola>. Acesso em: 07 set. 2011.

BRETAS, Beatriz. Comunicação mediática no processo ensino/aprendizagem. In: **Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Cap. 3. p. 81- 138.

CASTELLS, Manuel. **A Sociedade em Rede.** Prefácio de Fernando Henrique Cardoso. 6.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CHIZZOTI, Antonio. A pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais: evolução e desafios. **Revista Portuguesa de Educação**, 2003, año/vol. 16, n. 002. p. 221-236.

COSTA, José Wilson da; PAIM, Isis. Informação e conhecimento no processo educativo. In: **Novas linguagens e novas tecnologias: educação e sociabilidade.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2004. Cap. 1. p. 15- 38.

DEMO, Pedro. **Metodologia Científica em Ciências Sociais**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 2009.

FERREIRA JÚNIOR, Arnaldo Alves. **A Notícia como Discurso: a cidadania representada pela mídia impressa no acidente radiativo de Goiânia**, 2010. 94 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

GERMANO, José Willington. **Estado Militar e educação no Brasil (1964-1985)**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

HAGUETTE, Teresa Maria Frota. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

KELLNER, Douglas. **A Cultura da mídia - estudos culturais: identidade e política entre o moderno e o pós-moderno**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. Bauru, SP: EDUSC, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MORAN, José Manuel. Novas tecnologias e o re-encantamento do mundo. **Tecnologia Educacional**. Rio de Janeiro, n.126, setembro-outubro 1995, p. 24-26.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira. **História da Educação no Brasil (1930/1973)**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Hugo Leonardo Fonseca. **As trabalhadoras da educação infantil e a construção de uma identidade política**. 286 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2006.

SILVA, Mozart Linhares da. A urgência do tempo: novas tecnologias e educação contemporânea. In: **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação**. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 11-38.

SILVA, Waldeck Carneiro da. **Miséria da Biblioteca Escolar**. São Paulo: Cortez, 1995. (Coleção Questões da nossa época; v.45).

SOUZA, Jessé. **A Construção Social da Subcidadania: para uma sociologia política da modernidade periférica**. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

_____. **A Ralé Brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

TIJIBOY, Ana Vilma. As novas tecnologias e a incerteza na educação. In: **Novas tecnologias: educação e sociedade na era da informação**. 1 ed. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 39-56.



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO E BIBLIOTECONOMIA
CURSO DE BIBLIOTECONOMIA

Prezado Aluno,

Esta pesquisa tem como objetivo principal conhecer a sua cultura de informação. Para tanto, pretende-se conhecer o uso que você faz das novas tecnologias, quais os conteúdos mais acessados e se esses conteúdos são capazes de influenciar ou não nos resultados registrados pelo ENEM. E para que você se sinta à vontade para responder, não será exigida a sua identificação.

Obrigada!

QUESTIONÁRIO

A) CONHECENDO UM POUCO SOBRE VOCÊ

- 1) **Idade:** _____ **Sexo:** () F () M
- 2) **Vive com:** () pai/mãe () mãe () pai () outros familiares
- 3) **Desenvolve alguma atividade remunerada?** () Sim () Não
- 4) **Quantas horas diárias?** _____
- 5) **Escolaridade dos pais ou responsáveis:**
() Ensino Fundamental incompleto
() Ensino Fundamental completo
() Ensino Médio incompleto
() Ensino Médio completo
() Ensino Superior incompleto
() Ensino Superior completo

B) CONHECENDO A RELAÇÃO DO ALUNO COM AS NOVAS TECNOLOGIAS

1- Como as novas tecnologias estão cada vez mais presentes no nosso cotidiano, qual delas, exceto o celular, você mais utiliza?

- Computador
- Ipod
- Palm top
- PSP's portáteis
- Notebook

2- As novas tecnologias são atualizadas constantemente. isso de alguma afeta você?

- Sim. Fico frustrado, pois não consigo acompanhar as mudanças constantes nas novas tecnologias da informação.
- Às vezes me afeta, pois vemos os amigos usando e também queremos ter um aparelho igual.
- Não. Consigo acompanhar as mudanças nas tecnologias e isso não me causa nenhuma frustração.

3- Cada vez mais cresce o número de pessoas que acessam a internet. e você tem fácil acesso a ela?

- Sim. Acesso facilmente à internet sempre que preciso ou quero;
- Não. Tenho dificuldades para acessar à internet, seja por não ter em casa ou pelo preço na LAN House.

Quantas horas diárias em média?

- Até 1 hora por dia;
- Até 3 horas por dia;
- Mais de 3 horas por dia.

4- Como são muitos os pontos de acesso à internet na cidade, de onde você mais acessa?

- Residência
- Lan houses
- Escola
- No trabalho
- Outros: _____

5- Utilizando a internet, podemos nos divertir, conversar com as mais variadas pessoas, manter informado, estudar. Sendo assim, o que mais acessa na internet?

- Gosto de jogos em rede;
- Salas de bate-papo e conversas on-line;
- Redes Sociais (Facebook, Orkut, MySpace, Hi5, etc.)
- Vídeos on-line;
- Conteúdos educativos.

C- CONHECENDO A RELAÇÃO DO ALUNO COM A INFORMAÇÃO NA ERA DAS NOVAS TECNOLOGIAS

1- Como hoje podemos encontrar a informação em vários suportes, qual desses você mais utiliza?

- Jornais escritos e revistas
- Livros
- Rádio
- Televisão
- Internet

2- A internet nos possibilita o acesso ao conhecimento como nunca imaginamos em décadas atrás. Sendo assim, você tem o hábito de usá-la para estudar os conteúdos da escola?

- Sim, pois o aluno hoje pode acessar com facilidade o conhecimento armazenado em formato digital, complementando o conhecimento adquirido em sala de aula.
- Sim, pela comodidade de buscar o conhecimento em formato digital disponível em qualquer *site*, independentemente da localização geográfica.
- Não, porque o entretenimento oportunizado pela rede de computadores tem se tornado muito mais atrativo e toma todo o tempo disponível do jovem aluno.
- Não, porque o conhecimento disponível em formato digital também exige tempo para se procurar a melhor informação.
- Às vezes em meio ao entretenimento, leio alguma informação útil que complementa o conteúdo estudado em sala de aula.
- Às vezes procuro alguma informação para complementar o conteúdo estudado em sala de aula, pois prefiro as informações contidas no livro didático.

3- Para “navegar na internet”, gasta-se muito tempo. Isso o atrapalha a estudar os conteúdos escolares?

- Sim, porque prefiro a interatividade da internet do que ficar muitas horas lendo um livro.
- Não, pois procuro evitar as redes sociais e buscar as informações que complementam o aprendizado na escola.
- Não, pois, independentemente do tempo gasto com o entretenimento oportunizado pela internet, também não me sinto motivado para estudar os conteúdos escolares.
- Às vezes, pois nem sempre consigo desvencilhar dos *chats* e acabo deixando para depois a busca de informações que complementariam o aprendizado na escola.
- Às vezes, visto que acesso a internet com a intenção de estudar, mas são tantas outras opções mais interessantes que me esqueço do meu primeiro objetivo.

4- Quando precisa pesquisar algum conteúdo na internet para a escola, como você o faz?

- () “Copiando e colando” o conteúdo de algum *site*, pois, para mim, as informações dos *sites* são confiáveis.
- () “Copiando e colando” o conteúdo de algum *site*, mas escolhendo um que mais se adequa à proposta da tarefa.
- () Pesquisando em vários *sites* de forma criteriosa e copiando trechos dos conteúdos acessados para compor o trabalho escolar.
- () Pesquisando em vários *sites* de forma criteriosa e tendo o trabalho de produzir as suas próprias conclusões sobre o conteúdo solicitado na tarefa.

5- Como você é concluinte do Ensino Médio, o que você acha que afeta o rendimento dos alunos da rede pública divulgado pelo ENEM? Cite duas dessas causas, segundo a sua opinião.

a) _____

b) _____